

LAYS DA CRUZ CAPELOZI

**HOMEM, CHEFE DE FAMÍLIA, DILACERADO EM  
*O CASAMENTO*, DE NELSON RODRIGUES**

UBERLÂNDIA – MG  
2016

LAYS DA CRUZ CAPELOZI

**HOMEM, CHEFE DE FAMÍLIA, DILACERADO EM  
*O CASAMENTO*, DE NELSON RODRIGUES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História.

**Linha de Pesquisa:** Linguagens, Estética e Hermenêutica.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosangela Patriota Ramos.

UBERLÂNDIA – MG  
2016

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP) Sistema de Bibliotecas da  
UFU, MG, Brasil.

---

C238h      Capelozi, Lays da Cruz, 1991-  
2016      Homem, chefe de família, dilacerado em O casamento de Nelson  
Rodrigues / Lays da Cruz Capelozi. - 2016.  
104 f.

Orientadora: Rosangela Patriota.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.  
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. Literatura e história - Teses. 3. Rodrigues,  
Nelson, 1912-1980. O casamento - Crítica e interpretação - Teses. I.  
Patriota, Rosangela, 1957-. II. Universidade Federal de Uberlândia.  
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

---

LAYS DA CRUZ CAPELOZI

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosangela Patriota Ramos**  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
(Orientadora)

---

**Prof. Dr. Alcides Freire Ramos**  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thaís Leão Vieira**  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

*Homem, chefe de família, dilacerado em O Casamento de Nelson Rodrigues*

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

**CLARICE LISPECTOR**

**EXPLICAÇÃO DA ETERNIDADE**

Devagar, o tempo transforma tudo em tempo.  
o ódio transforma-se em tempo,  
o amor transforma-se em tempo,  
a dor transforma-se em tempo.

Os assuntos que julgávamos mais profundos,  
mais impossíveis, mais permanentes e imutáveis,  
transformam-se devagar em tempo.

Por si só, o tempo não é nada.  
a idade de nada é nada.  
a eternidade não existe.  
no entanto, a eternidade existe.

Os instantes dos teus olhos parados sobre mim  
eram eternos.  
os instantes do teu sorriso eram eternos.  
os instantes do teu corpo de luz eram eternos.  
foste eterna até ao fim.

**JOSÉ LUÍS PEIXOTO, IN "A CASA, A ESCURIDÃO"**

Em memória da minha mãe, que continua eterna em meus pensamentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Não consigo pensar em uma razão única para me tornar uma mestra em História; ao longo do caminho, pensei em mil razões para desistir. Só que chega um momento em que ou você dá aquele passo à frente ou se vira e vai embora. Sozinha, eu poderia desistir, mas tive apoio, muito apoio. E esse apoio me sustentou para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha mãe, que, fisicamente, não pôde acompanhar o fim desta etapa, embora tenha estado presente desde o início da minha vida acadêmica. Acalentou todas as minhas ansiedades, tanto do presente quanto do futuro, e nunca permitiu que eu desistisse no primeiro obstáculo. A melhor herança que eu poderia ter recebido é seu exemplo de mulher, por meio da qual aprendi a sonhar, a lutar e a construir meu futuro. De todos os lugares possíveis em que você possa estar, o meu coração é o mais vívido deles!

Ao meu pai e ao meu irmão. É por eles que eu levanto todas as manhãs e resisto a cada golpe que a vida dá. A força e a coragem do pai não me deixou escolha a não ser ir à luta. A bondade do Bruno é tamanha que nem sei explicar – só agradeço pelas horas que você perdeu ouvindo meus problemas, ouvindo esta dissertação e fingindo que estava entendendo tudo, rindo das minhas piadas sem graça e me salvando de todas as ciladas em que eu me meto. Ao Felipe, que se tornou o melhor ouvinte da leitura desta dissertação que eu poderia ter. Vocês são meu porto seguro!

À vó e ao vô, dos quais eu sempre posso contar com o abraço apertado e couve sem agrotóxicos. À tia Rosa e tia Carina, que amorteceram a dor insuportável e, desde então, vêm fazendo o possível para que ela lateje cada vez menos. Ao tio Júnior, meu padrinho duplo, que me tirou muitas dúvidas sobre religião e outros assuntos que corroboraram a escrita deste trabalho. À tia Lú, sempre tão atenciosa e fofa! À Beatriz, aquela irmã que eu nunca tive. À Marina, pela fofura e honestidade.

À Grace, a pessoa com quem mais intimidade tenho e com quem me sinto livre para desabafar sem parecer trouxa. Neste ano, completaremos seis anos de parceria de viagens, choros e sorrisos sinceros e que bravamente continuamos juntas, mesmo que ela saiba que isso envolva tantas ciladas! Você é o Bino da minha vida!

À Carol, que também é muito parceira nesta brincadeira louca de amor e cilada que é a vida. Tomara que a distância não soterre a nossa cumplicidade. À Talitta, a irmã por parte de orientadora, que deixa os meus textos com uma carinha de saúde e que compartilha comigo o gosto por vídeos inúteis do YouTube.

Ao Renan, pôr ser o guru intelectual mais hypado que eu conheço. À Suelen, que, mesmo morando na cidade grande, sempre volta para não me deixar morrer de saudade. À Polinha, que compartilha a ideia de que se a vida é amarga demais – e nada melhor para adoçá-la do que uma taça do Mousse Cake. Ao Rodrigo Francisco, que é um menino de ouro e está sempre disposto a compartilhar sua sabedoria com os leigos, como eu. Ao Rodrigo de Freitas, obrigada por ter feito parte da banca de qualificação suas sugestões foram uteis para o crescimento final deste trabalho. A Cristiane, que me ajudou muito nesse processo de amadurecimento, que discutiu comigo desde de assuntos pessoais a questões relacionadas a este trabalho.

Ao lugar de que eu cuido com tanto amor e dedicação e que, por isso, passo mais tempo lá do que em minha casa, o NEHAC. Pode até ser pequeno fisicamente, mas é igual a coração de mãe: sempre cabe mais um. Lugar em que assumi minhas primeiras responsabilidades acadêmicas e que influenciou para o meu amadurecimento pessoal e profissional. Aos colegas do NEHAC, Letícia, Leilane, Milena, Luciana, Marcella, Lais, Samuel, Fernando, Ciro, Julia, Luciana Tavares, Bruna, que têm um lugar importante na construção desta pesquisa. Sem a leitura de cada um de vocês, este trabalho sairia, no mínimo, manco.

À professora Rosangela, que foi muito mais do que minha orientadora. Obrigada por nunca desistir de mim, pela paciência com a minha “lerdeza intelectual” e por respeitar meu tempo de amadurecimento. Só esses motivos já seriam suficientes para ser grata pelo resto da vida. Mas a lista de agradecimentos a ela é gigante. Tenho de agradecer-lá por compartilhar seu conhecimento comigo, por me proporcionar esta experiência e tantas outras que vivi dentro do NEHAC; por aguentar meus choros e ataques de pânico sobre esse mundão acadêmico; por todas as vezes que abriu a sua casa e o coração para que pudesse me abrigar lá.

Ao professor Alcides, que foi a pessoa que ajudou a tornar possíveis as discussões que foram realizadas neste trabalho. Por ser sempre tão gentil e preocupado



comigo, por dividir suas opiniões sobre moda e outros assuntos tão diversificados. Conviver com ele é um privilégio, uma aprendizagem diária sobre diversos assuntos.

À professora Thais Leão, que aceitou fazer parte desta banca, por ser um grande exemplo de pessoa e profissional e, também, pelas conversas sempre prazerosas.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Uberlândia. Ao curso de pós-graduação em História e à FAPEMIG, que financiou esta pesquisa, tornando-a possível.

Muito obrigada! É muita gratidão mesmo!

## RESUMO

CAPELOZI, Lays da Cruz. **Homem, chefe de família, dilacerado em *O Casamento*, de Nelson Rodrigues**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História do Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

Esta dissertação apresenta uma reflexão acerca do romance de Nelson Rodrigues *O Casamento*, publicado em 1966. Apresentamos, inicialmente, uma análise sobre o tema do casamento dentro da obra de Nelson Rodrigues de uma maneira mais abrangente. Em seguida, debruçamo-nos sobre o romance, destacando os personagens e suas tramas, bem como a estrutura familiar apresentada. Por fim, analisamos como são trabalhadas as figuras paternas do romance. O diálogo com Sigmund Freud foi essencial para o desenvolvimento dessas análises.

**Palavras-chave:** Nelson Rodrigues. *O Casamento*. Figura paterna. Sigmund Freud.

## **ABSTRACT**

CAPELOZI, Lays da Cruz. **Homem, chefe de família, dilacerado em *O Casamento*, de Nelson Rodrigues**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História do Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

This work presents a reflection on the novel by Nelson Rodrigues *O Casamento*, published originally in 1966. We will see an analysis on the wedding theme in the work of Nelson Rodrigues in a more comprehensive way. Then, we worked through the novel, highlighting the characters and their plots and presented the family structure. Finally, we will analyze how are worked the father figures of the novel. All discussions permeate through dialogue with Sigmund Freud.

**Keywords:** Nelson Rodrigues. *O Casamento*. Father figure. Sigmund Freud.

## **SUMÁRIO**

<u>Introdução</u> .....	p. 2
<u>Capítulo 1</u> – O casamento para Nelson Rodrigues: os instintos reagem.....	p. 8
<u>Capítulo 2</u> – O Casamento de Nelson Rodrigues: “não se adia, muito menos se desmancha” .....	p. 37
<u>Capítulo 3</u> – Cuidado! O patriarca está à beira de um colapso.....	p. 69
<u>Considerações Finais</u> .....	p. 86
<u>Referências Bibliográficas</u> .....	p. 89

*Homem, chefe de família, dilacerado em O Casamento de Nelson Rodrigues*

## **INTRODUÇÃO**

Por que mais um trabalho sobre Nelson Rodrigues? Afinal existe um leque de trabalhos acerca do dramaturgo, de diversas áreas do conhecimento, que esmiuçaram várias das peculiaridades de sua obra. Os trabalhos mais conhecidos possuem o diálogo com as peças de teatro são eles, *O Teatro de Nelson Rodrigues: Uma Realidade em Agonia* (Ronaldo Lima Lins, 1979), *A Musa Carrancuda: Teatro e Poder no Estado Novo* (Victor Hugo Adler Pereira, 1998), *Nelson Rodrigues Expressionista* (Eudinyr Fraga, 1998) e *Nelson Rodrigues: Trágico, então moderno* (Ângela de Leite Lopes, 2008).

Falar das obras sobre Nelson Rodrigues e não mencionar Sábato Magaldi é no mínimo, sintético. *Nelson Rodrigues: Dramaturgias e Encenações* (Sábato Magaldi, 1987) foi a tese de livre docência de Magaldi apresentada na Escola de Arte Dramática (EAD) e que depois foi publicado em formato de livro. O diferencial deste livro é a análise de Magaldi, pois ele buscou analisar o percurso, as personagens, os procedimentos, o pensamento e por fim uma crítica das primeiras encenações de cada peça. Concomitante a esse trabalho, Magaldi lançou a *Coleção Teatro Completo* (Sábato Magaldi, 1987), que possui quatro volumes, que seguem à risca a seguinte divisão: Peças Psicológicas, Peças Míticas e Tragédias Cariocas (dividida em duas partes). Em cada volume, o crítico introduz as peças com o texto original e depois construiu elementos em comum com a finalidade de nos fazer compreender a razão pela qual estão no mesmo grupo.

Tendo como base um artigo da historiadora Rosangela Patriota, publicado na revista *ArtCultura*, ela se propõe a pensar sobre o lugar de Nelson Rodrigues dentro da história teatro brasileiro, em diferentes temporalidades, e também como se tornou um autor unânime. Sobre a década de 1980, época em que foi feita a organização dessas obras de Magaldi a respeito de Nelson, ela diz,

Neste novo quadro político – cultural, ao lado da exaltação de Nelson, começaram a se intensificar as críticas ao “teatro engajado”. Pouco a pouco, decretou-se a “morte das ideologias”, e a retomada, para muitos, do princípio da “arte pela arte”. Substituiu-se um princípio pelo outro. (...) A partir desse instante, deveriam ser resgatadas as possibilidades “universais” de nossa dramaturgia. Onde estariam elas? Justamente naquele que, em outros tempos, se tornara o grande baluarte de modernidade: Nelson Rodrigues.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> PATRIOTA, Rosangela. Nelson Rodrigues: A Unanimidade dos Críticos. *ArtCultura*- Revista. Universidade Federal de Uberlândia. Nº 1, vol. 1, 1999, p 37/8.

Fica claro que a aceitação tanto das obras de Nelson, como dessa organização e agrupamento feito pelo crítico, está ligada ao esforço dos intelectuais dos anos 1980 de trazer os grandes dramaturgos a cena e torná-los universais. Nesse movimento, Magaldi é dado como interprete e estudioso principal da obra rodriguiana, não cabendo mais espaço para outro tipo de crítica.

O primeiro contato com Nelson Rodrigues surgiu por meio do projeto de iniciação científica intitulado “O Teatro dos Críticos: Politização – Estetização – Pós Modernização [1950 – 2010]”, orientado pela professora Rosangela Patriota, do qual fui bolsista de Iniciação Científica vinculada ao CNPq entre os anos de 2012 e 2013. O fruto desta pesquisa foi a monografia, que teve como objetivo analisar a peça *Viúva, porém honesta* (1957). A monografia foi importante como impulso para os trabalhos seguintes, as leituras realizadas durante esse processo se tornaram bases para que novas questões fossem pesquisadas.

Isto posto, essa dissertação se debruça no único romance escrito por Nelson Rodrigues, *O casamento*. Publicado em 1966, o romance gira em torno da família de Sabino Uchoa Maranhão, a trama se concentra nas quarenta e oito horas que antecedem o casamento da filha mais nova de Sabino, no qual o pai descobre o que o futuro genro foi visto beijando um homem, a dúvida é para quem contar? Essa dúvida permeia a cabeça de Sabino, o fazendo rememorar o passado, principalmente a morte de seu pai e o juramento dele menino ao enfermo que seria um homem de bem.

Mesmo que o casamento seja o grande evento do romance. A figura de Sabino se mostra importante para entendermos a formação daquela família, pois fora parece um sujeito fino, educado, sério e responsável, mas por dentro é um homem destroçado por experiências sexuais frustradas que refletia na vida sentimental. Numa primeira impressão podemos dizer que mesmo uma família que tinha todos os artifícios para serem felizes e realizados, e por mais que o tentam não são, pois são vítimas de seus próprios desejos e obsessões.

A maneira como a instituição do casamento é construída e trabalhada por Nelson Rodrigues é a primeira camada do trabalho, a segunda está na análise de como a estrutura familiar nos é apresentada no romance, para chegarmos no cerne da discussão que é a figura paterna que está ruindo. Desse modo, este trabalho possui dois alicerces que o

sustentam, o primeiro é o diálogo que Nelson Rodrigues possui com o cristianismo e o segundo com as obras de Sigmund Freud.

É fácil reconhecer que muito dos dramas dos personagens apresentados por Nelson Rodrigues tem a fonte nos preceitos cristãos. Mas não é qualquer corrente do cristianismo que estamos falando, Nelson se espelha no cristianismo do século IX ao século XIII, no qual a ideia de pecado e punição são bem determinadas para os fiéis. A mulher é dotada de todo desejo, vem dela o impulso para se entregar aos desejos da carne. Enquanto o homem tenta equilibrar na balança moral seu desejo e a obrigação religiosa de controlar o desejo da mulher ao seu lado.

Tendo recebido a formação cristã de classe média urbana brasileira, o dramaturgo preservou até o fim a crença na divindade e em preceitos morais básicos. A dificuldade de observar esses preceitos aguça a loucura. Na terra o homem vive o desregramento de uma unidade perdida, inconsolável órfão de Deus. Há um deblaterar insano em terreno hostil. Resta o sentimento permanente de logro. A vida prega uma peça em todo mundo.<sup>2</sup>

Esse drama cristão em que os personagens de Nelson estão mergulhados é perceptível em toda a sua obra. Porém não é um tema abordado nos estudos realizados acerca de sua obra, logo como não é o intuito deste trabalho esclarecer a gênese da relação que Nelson possuía com o catolicismo, procuramos entender essa sua visão de mundo para dar uma maior profundidade ao trabalho. Com o intuito de entrarmos nesse universo católico medievalista, utilizamos como base o livro *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão* (Ronaldo Vainfas, 1986) e a biografia de Nelson Rodrigues, *Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues* (Ruy Castro, 1992).

À vista disso, nosso segundo alicerce nos ajuda a entender esses conflitos cristãos que os personagens de Nelson estão submetidos, pois *Mal-estar na civilização* (Sigmund Freud, 2015) tem o intuito de refletir como o homem equilibra a realização de seus desejos mais profundos mesmo que a civilização tente impedir que esses desejos se realizem, pelo bem do convívio social.

Mesmo que Nelson Rodrigues nunca tenha declarado nada sobre ter lido as obras de Freud, já é dado como óbvio para os estudiosos de Nelson que a obra do dramaturgo

---

<sup>2</sup> MAGALDI, Sábato. **Nelson Rodrigues: Dramaturgia e encenações**. Perspectiva, São Paulo, 1987, pag.67.



possui um diálogo muito contundente com os estudos e análises do psicanalista. Os primeiros estudos que relacionaram a obra de ambos, foi com o intuito de analisar o texto teatral das peças míticas de Nelson Rodrigues.

A Psicanálise tornou clara a ideia de que a repressão dos anseios mais primitivos do homem surgiu decorrente das regras do jogo social. Em *Totem e Tabu* (1912- 1913), Freud refere-se justamente a essa questão de controle social dos impulsos, concluindo que o homem nunca internaliza completamente a interdição. Daí consiste a necessidade de o grupo social criar um sistema interno que garanta sua ordem interna, decorrendo disso o conflito de duas grandes forças que são desejo por uma questão imposição social. O estudo deveu-se ao interesse de Freud pela Antropologia, assim como pela inter-relação entre a civilização e a repressão dos instintos. Em *Álbum de Família*, emergem os recônditos dos impulsos da natureza humana, dentre eles o incestuoso. Nelson Rodrigues não se afasta de um cunho moralizador, ao contrário do que posso aparentar uma visão superficial equivocada.<sup>3</sup>

Para o nosso trabalho, o livro *Nelson, feminino e masculino* (Irã Salomão, 2000) foi extremamente útil para pensarmos melhor sobre o perfil dos personagens masculinos e femininos e traçarmos os pontos que os diferenciam. Apesar do livro se debruçar mais nas figuras femininas foi a partir deste livro que começamos a pensar como a figura masculina, se a mulher é tomada pelo desejo e não consegue se controlar, cabe ao homem ser o freio, mas o que acontece se o homem se encontra dilacerado? A partir dessas questões, nosso trabalho ganhou outra camada, pois depois de realizar o casamento é papel do homem ser a figura que rege a família e o que acontece quando essa figura perde o sentido dentro da família? Dessa maneira, notamos que a questão do casamento e da figura paterna são intrínsecas dentro da obra de Nelson.

Todas essas questões só aumentaram os laços do diálogo entre Nelson e Freud, pois Freud também pensou nas mesmas questões e formulou análises que nos ajudaram a dar andamento a este trabalho, tal como o complexo de Édipo. É interessante afirmar que há outro trabalho que pretendeu estudar as figuras masculinas como iremos abordar nesta dissertação.

Sendo assim, a dissertação está organizada da seguinte maneira, o primeiro capítulo *O casamento para Nelson Rodrigues* tem como objetivo analisar como a temática

---

<sup>3</sup>ALBUQUERQUE, Maria. Freud x Nelson Rodrigues. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br>>, 2001, pag. 01.

do casamento é trabalhado e desenvolvido por Nelson Rodrigues. Desta maneira, escolhemos seis peças, *Mulher sem Pecado*, *Toda Nudez será castigada*, *Álbum de Família*, *Bonitinha, mas ordinária*, *Os 7 Gatinhos* e *A Serpente*. Todas essas peças mostram que Nelson Rodrigues possuía um diálogo com Igreja Católica, pois a concepção de casamento apresentada por Nelson corresponde, a como o casamento era encarada quando. Para que nossa discussão alcance uma maior profundidade, o diálogo com Freud em *Mal-estar na civilização*, é um importante instrumento para entendermos melhor como o tema da repressão sexual funcionada para o desenvolvimento dos personagens citados.

No segundo capítulo, *O Casamento de Nelson Rodrigues*: “*não se adia, muito menos se desmancha*”, o exercício deste capítulo é esmiuçar o romance, trazer a público toda a trama, os personagens. A partir das discussões feitas no primeiro capítulo, buscamos compreender como o casamento é trabalhado no romance.

Para o terceiro capítulo, *Cuidado! O patriarca está à beira de um colapso*, se baseia na discussão sobre a figura do pai que é apresentado no capítulo anterior. O primeiro passo é analisar como é formada a estrutura da família Uchoa Maranhão. Para essa discussão fluir é necessário continuar e aprofundar o diálogo com Freud que foi iniciado no começo das discussões.

# **CAPÍTULO I**

## ***O CASAMENTO PARA NELSON RODRIGUES:* OS INSTINTOS REAGEM**

A obra de Nelson Falcão Rodrigues é extensa. São 17 peças de teatro e oito histórias de folhetins, que, posteriormente, foram publicados como romances, tais como: *Escravas do Amor* (2001) e *Meu Destino é pecar* (1998). São mais de 10 livros publicados com uma reunião de crônicas que abordam temas como futebol, política e fatos autobiográficos, como: *A Menina sem estrela* (1993), *O Reacionário: memórias e confissões* (1995), *À sombra das chuteiras imortais* (1993). Também há organizações com as coletâneas de contos que foram publicados, originalmente, nos jornais: *A vida como ela é... – o homem fiel e outros contos* (1992), *A Coroa de orquídeas e outro contos de A Vida como ela é...* (1992). Três novelas para a televisão, entre elas, *Morta sem Espelho* (1963), e um romance, *O Casamento* (1966). Se olharmos dessa forma panorâmica, perceberemos que o tema predominante é o homem lidando com seus desejos mais selvagens, relacionando-se com o outro e com a sociedade, sempre tentando equilibrar, na balança da moral e dos bons costumes, o que é certo ou errado. Num primeiro olhar, pode parecer que Nelson Rodrigues é repetitivo e, para não deixar dúvidas quanto a isso, Irã Salomão (2000, p. 17) argumenta:

Nelson é coerente na sua forma de criticar e persuadir o cinismo, as taras, a solidão humana, nosso psiquismo, uma falsa ética da sociedade e os papéis que seus participantes exercem. A forma como realiza tais coerências é marca registrada, sabida e intencional de Nelson Rodrigues, fazendo com que o mesmo tema apareça com variações inusitadas em diferentes peças.<sup>4</sup>

Diante do tamanho da obra de Nelson Rodrigues, escolhemos trabalhar com o romance *O Casamento*, que foi escrito sob encomenda para Carlos Lacerda. Entretanto, este, ao ler, decidiu que a história da família Uchoa, aparentemente bem-sucedida e prestes a casar a filha mais nova, era imprópria para inaugurar as publicações de sua editora.

Antes de adentrarmos o romance, precisamos dar alguns passos iniciais. O primeiro é conhecer o meio de Nelson Rodrigues, isto é, conhecer sua trajetória nos principais jornais cariocas – entender como o autor transitava nesse meio nos esclarece muito sobre sua formação e linguagem. O segundo passo é compreender, por meio de sua obra, como o tema do casamento é trabalhado por Nelson Rodrigues. Como ele o desenvolve? Baseado em que ele constrói essa ideia de casamento? Há diferentes tipos de

---

<sup>4</sup> SALOMÃO, Irã. **Nelson, feminino e masculino**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 17.

casamento para o autor? Para explorarmos o tema, escolhemos seis peças, cuja temática é mais desenvolvida pelo autor: *A Mulher sem Pecado* (1942), *Álbum de Família* (1945), *Os 7 Gatinhos* (1958), *Otto Lara Rezende ou Bonitinha, mas ordinária* (1963), *Toda Nudez será castigada* (1965) e *A Serpente* (1978). Só após reconhecer esse pequeno terreno dentro do extenso mundo rodriguiano, podemos entrar na discussão sobre o romance.

Em relação à questão jornalística, é importante dizer que o jornal está na história da família Rodrigues antes mesmo de Nelson nascer. Seu pai era jornalista e resolveu deixar Pernambuco para tentar se estabelecer no Rio de Janeiro. Quando se estabilizou como diretor do jornal, a esposa e os filhos mudaram-se para junto do pai, o que fez que Nelson só tenha passado um ano da sua vida no estado de Pernambucano. Aos 13 anos, tornou-se o mais jovem repórter jornalístico da coluna de crimes policiais, e foi na redação desse jornal, anos mais tarde, que ocorreu o momento em que, talvez, Nelson tenha sentido e visto como a vida era efêmera e cruel, pois presenciou o assassinato de seu irmão mais velho, Roberto. A tragédia aconteceu em virtude de um artigo publicado no jornal que abordava o divórcio de Sylvia Thibau:

Nelson viu e ouviu aquilo tudo. Em seus dezessete anos e quatro meses, era a primeira cena de violência brutal que presenciava. Mais tarde ele diria que não teve, naquele momento, nenhum ódio pela assassina. Só queria ajudar Roberto, que gemia alto, fundo e grosso, a intervalos curtos. Mas Roberto não queria ajuda, não queria que o movessem. Os médicos diriam depois que abala perfurara o seu estômago, varando a espinha e encravando-se na medula. Qualquer movimento provocava dor desesperadora.<sup>5</sup>

As redações dos principais jornais cariocas foram onde Nelson passou a maior parte da sua vida. Lá, pôde experimentar abordar diversos temas – de reportagens com acontecimento reais a crônicas sobre a vida, incluindo uma coluna autobiográfica e as crônicas esportivas. O tom do folhetim e do melodrama sempre foi presente em seus textos – e o que mais chamou a atenção dos críticos foi esse texto direto, com diálogos curtos e ríspidos.

Não foi, portanto, apenas uma questão de “ismos”, expressionismo, surrealismo, ou de “istas” e sequer de Dostoiévsky, O’Neil, Arthur Miller, Tennessee Williams, Oswald de Andrade, embora estes referenciais tivessem estado presentes e, sem dúvida, houvessem atuado

---

<sup>5</sup> CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 91.

de algum modo sobre Nelson Rodrigues. Mas ele os observou em um processo de produção cujas molas fundamentais nunca foram privilegiadamente estéticas ou movidas por ditames de estilo ou de tendência. Em primeiro lugar, para ele, vinha o poder de fogo comunicacional de seu texto. Como homem de jornal que era, na essência, procurava a forma mais direta e mais impactante de transmitir a sua “matéria” e suas projeções. Isto significava na sua escritura quatro coisas: imagens sintéticas e impressivas, narração concisa e dramática; linguagem precisa e direta; moralidade candente.<sup>6</sup>

Em 1944, fez a primeira transição, uma vez que deixou de lado os assassinatos e se tornou “Suzana Flag”, do folhetim *Meu destino é pecar*. O pseudônimo veio por ordem do diretor do jornal, que queria uma atração nova e internacional. A coluna de Suzana é um romance de folhetim, que conta a história de Leninha, uma moça que é obrigada pelos pais a se casar com Paulo. A raiva da moça é tão grande que ela tenta escapar diversas vezes do marido. Nesse meio tempo, a jovem conhece Mauricio, seu cunhado, por quem se apaixona. Isso aumenta a rivalidade que os irmãos já tinham. O elemento precursor da história é vingança, tanto de Leninha para Paulo, como Paulo e seus familiares. Por decorrência do sucesso da coluna, Nelson começou outros folhetins, *Escravas do Amor*, *Minha Vida*, *Núpcias de Fogo* e *O Homem Proibido*.

Alguns anos depois, nasceu “Myrna”, uma mulher descrita como intelectual e especializada em conselhos amorosos. Mesmo que tenha sido publicada por apenas um ano, Myrna foi um sucesso de cartas recebidas.

*O Consultório Amoroso de Myrna* tinha como foco responder às cartas das leitoras, cuja maioria tinha dúvidas sobre relacionamentos amorosos. Grande parte dos conselhos dados dizia que a mulher deveria aprender que o amor próprio não levaria a nada; o que importava mesmo era a felicidade do outro, principalmente se esse outro fosse o marido.

Uma das primeiras cartas lidas é de uma mulher que, depois de 36 anos de casamento, foi abandonada pelo marido. Na sua resposta, Myrna não julga o marido pelo abandono, nem mesmo tenta entender como a situação aconteceu; ela recomenda que a mulher vá atrás do marido e o perdoe, já que a felicidade da mulher está na realização da felicidade do outro.

---

<sup>6</sup> GUINSBURG, J. Nelson Rodrigues, um folhetim de melodramas. **Revista de Literatura Brasileira**, Florianópolis, n. 28, p. 8, 1994.

Para Nelson Rodrigues, Myrna deveria expressar em seus conselhos um ideal amoroso baseado em valores opostos ao individualismo, que legitimaria a busca de auto-realização das mulheres nas relações amorosas, e também à igualdade entre homens e mulheres. O verdadeiro amor dependia de a mulher aceitar a sua natureza e fazer tudo pela felicidade do amado, inclusive renunciar ao amor próprio e à satisfação pessoal (no sentido de buscar vantagens materiais ou de fazer prevalecer sua vontade sobre a do homem). Da mulher dependia a harmonia das relações amorosas, pois ela deveria manter o amor de seu par submetendo-se aos seus desejos, enfeitando-se para ele e através de outras estratégias no sentido de evitar o conflito.<sup>7</sup>

Quando uma leitora manda uma carta questionando o porquê de Myrna proteger os homens, a conselheira é bem clara:

Quem protegeu o homem, antes de mim, foi a própria natureza. [...] A partir do momento em que surgiu a primeira mãe, patenteou-se o seguinte fato: – a natureza é unilateral e, assim, colocava sobre os ombros das mulheres as piores penas, os mais graves deveres e as mais dramáticas responsabilidades na tragédia amorosa. [...] Para o homem, entregar-se a um amor pode significar pouco ou muito: para a mulher, significa muitíssimo, de qualquer maneira.<sup>8</sup>

Segundo a historiadora Adriana Facina, em seu artigo sobre o consultório sentimental de Myrna, os conselhos dados por esta tem por trás um discurso de reafirmação do papel do homem e da mulher na sociedade, isto é, o papel da mulher é o da submissão, principalmente quando ela deseja ser amada.

Suzana e Myrna não são antiquadas, visto que, na década de 1940, as mídias impressas<sup>9</sup> destinadas ao público feminino tinham esse papel de realçar, como “deveria ser”, o comportamento das mulheres em lugares públicos e, até mesmo, com seus maridos nos momentos particulares. Segundo Bassanezi, essas principais revistas dividiam as mulheres em duas categorias: “moças de família” e “levianas”. Para o primeiro grupo, os manuais recomendavam que continuassem com essa postura até e depois do casamento e

<sup>7</sup> FACINA, Adriana. O consultório sentimental de Myrna: uma análise de Nelson Rodrigues escrevendo no feminino. In: **X Encontro Regional de História** – ANPUH-RJ História e Biografias – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002. p. 73/74.

<sup>8</sup> RODRIGUES, Nelson. **Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo**: O Consultório sentimental de Nelson Rodrigues. São Paulo, Cia das Letras, 2002. p. 143.

<sup>9</sup> Na coletânea *A história das mulheres no Brasil* (2000), organizada por Mary del Priore, Carla Bassanezi mostra que, na década de 1940, diversas revistas para o público feminino foram criadas, cujo conteúdo era praticamente o mesmo: manuais de comportamento feminino de acordo com a idade e a situação civil (solteira, noiva, esposa). Segundo a historiadora, na cidade do Rio de Janeiro, era expressiva a participação das mulheres por meio de cartas pedindo conselhos.

que, por nenhuma circunstância, mudassem seus valores, já que assim poderiam colocar em risco seus casamentos. Para o segundo grupo, não havia muito o que dizer, uma vez que, dadas certas liberdades aos rapazes, não se poderia voltar atrás. Nesses manuais, nada era falado sobre o sexo dentro do casamento; as respostas a essas perguntas ressaltavam que o ato sexual era “necessidade do casamento”, ou seja, davam a entender que as mulheres precisavam fazer o que fosse possível para satisfazer essas necessidades de acordo com o interesse do marido.

Mas qual é a fonte da ideia de que a mulher é destinada a ser submissa até mesmo em seus relacionamentos? A natureza a que Myrna se refere é baseada no criacionismo da religião cristã, visto que, quando Adão e Eva foram expulsos do paraíso, recaíram sobre a mulher as dores do parto e a submissão do seu desejo pelo do marido. De acordo com o historiador Ronaldo Vainfas, o pecado original tornou-se importante quando foi reinterpretado para explicitar como o desejo da mulher é abusivo e precisa ser controlado pelo homem para que Deus não se volte contra a humanidade novamente.

Enfim, como nos lembra Le Goff, a sexualização do pecado original foi uma invenção cristã, pois, no *Genesis*, aparecia ligado ao conhecimento e à obediência devida de Deus, e não ao sexo. Seria por ceder à tentação de conhecer, por querer-se igualar a Deus e por desobedecer a ele na busca desse conhecimento que, na narrativa bíblica, o homem teria pecado pela primeira vez. [...] A interpretação “sexualizada” do primeiro pecado marcou decisivamente o conjunto das éticas cristãs, dela resultando a concepção de um mundo entrevado pelas aflições da carne, a visão do homem como um ser fragilizado pelo desejo e a identificação da virgindade, pureza e salvação.<sup>10</sup>

Além dessas duas colunas, Nelson Rodrigues começou a escrever outra em outro jornal. Essa coluna, no entanto, levava seu nome verdadeiro e, depois de tanta indecisão quanto ao título, o escolhido foi *A vida como ela é...*, que foi publicada por 10 anos interrompidos (1951-1961) no jornal *Última Hora*. A proposta inicial era apresentar crônicas baseadas em acontecimentos reais, e Rodrigues ateu-se aos casos policiais que envolviam amantes; assim, a coluna foi se tornando um veículo de histórias que, a princípio, não se passavam na cidade do Rio de Janeiro, mas envolviam características básicas: casamento, adultério, amores trágicos e efêmeros.

Os jornais precisam ter o sotaque de suas cidades e Nelson não demoraria a abrir os olhos para o filão da ambiência carioca. No que

---

<sup>10</sup> VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986. p. 83.



teve o estalo, povoou as 130 linhas diárias de “A vida como ela é...” com um fascinante elenco de jovens desempregados, comerciários e “barnabés”, tendo como cenário a Zona Norte, onde eles viviam; o Centro, onde trabalhavam; e, esporadicamente, a Zona Sul, aonde só iam para prevaricar.<sup>11</sup>

A coluna ganhou espaço porque tratava de histórias que eram fáceis de se identificar – quem nunca se apaixonou por alguém e foi enganado? Quem nunca traiu ou foi traído? Os personagens tinham a marca de Nelson Rodrigues; eram eufemismos puros. A simples história de um adultério tornava-se uma crise de consciência que devastava a sanidade do personagem.

Esse é o paradoxo que encontramos nessa obra, um passo entre o interdito e o desejo, porquanto aquele instaura este. Nesse sentido, podemos dizer que, perante a obra, há uma castração simbólica de um objeto imaginário no qual a causa é o Real (segundo Lacan, sob três formas da falta do objeto – privação, frustração e castração), já que a parcela de renúncia exigida de cada sujeito que participa de uma sociedade tende a realizar-se no imaginário pelos personagens.<sup>12</sup>

O psicólogo Daniel Migliani Vitorello debruçou-se com afinco sobre as crônicas de *A Vida como ela é...*, de modo que sua maior preocupação foi encontrar as diferenças da adaptação do jornal para a televisão. Antes disso, porém, ele tenta responder a outra questão: por que essa coluna é ainda tão popular? Por que, quando dizemos “Nelson Rodrigues”, o nome da coluna é a primeira coisa que nos vem à cabeça? Em sua opinião, a popularidade entre o público masculino não pode ser explicada, pois:

Dito de outra forma, *A vida como ela é...*, tantas vezes acusada de trágica e obscena, transforma-se, a partir desse pressuposto, ainda mais obscena na televisão, ao mesmo tempo em que, por uma curiosa reviravolta tecnológica, essa mesma obscenidade e “tragicidade”, em consequência da repetição maciça das imagens, torna-se um lugar-comum.[...] Por outro lado, a televisão recria as representações da obra, produzindo, ao mesmo tempo, uma certa nostalgia do que estava escrito, pois faz com que seja horrendo o que é da ordem do trágico, faz inverossímil aquela parte da obra que nos faz tremer, porquanto o telespectador recebe os fatos sob os aspectos do espetáculo, mesmo sendo *A vida como ela é...* uma ficção.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. p. 237.

<sup>12</sup> VITORELLO, Daniel Migliani. **Mantenha Distância**: O imaginário obsessivo de Nelson Rodrigues. São Paulo: Annablume, 2009. p. 35.

<sup>13</sup> VITORELLO, Daniel Migliani. **Mantenha Distância**: O imaginário obsessivo de Nelson Rodrigues. São Paulo: Annablume, 2009. p. 53.

Segundo Vitorello, mesmo atingindo um grande público, a coluna não perdeu o tom ácido e irônico, pois tinha como objetivo mais incomodar do que entreter o leitor. A adaptação para a televisão perdeu um pouco dessa acidez, tendo em vista que a série televisiva apelava mais para o cômico e para a sensualidade. Isso mudava totalmente a mensagem implícita nas histórias contadas; mesmo que o expectador, assim como o leitor, se identificasse com as histórias, ele não compartilhava a culpa juntamente com o personagem.

A transição para o teatro não foi demorada. Ainda na década de 1940, Nelson Rodrigues resolveu escrever peças teatrais e, por mais que leiamos que *A Mulher sem Pecado* tenha sido escrita por que Rodrigues queria ganhar dinheiro e tornar-se mais conhecido, o que importa é que paremos para pensar na trama da peça. Para sua estreia, o dramaturgo tinha de apostar em um tema cativante; então, ele escreveu sobre aquilo que mais entendia: um casamento em crise.

Nessa obra, Olegário é um homem com uma boa situação financeira e que está no seu segundo casamento, com Lídia, de condição simples, mas muito bonita. Como foi traído no primeiro casamento, Olegário tem a certeza de que a história se repetirá nessa união; desse modo, começa a vigiar sua mulher. Quando fica paralítico, sua obsessão aumenta, e ele começa a pagar todos que conhece para espionar Lídia em suas situações cotidianas. Outro artifício que usa para testar a fidelidade da mulher é dizer que um suposto amante foi descoberto para que veja a reação dela. Mesmo com todas as situações criadas, Olegário não descobre nada acerca da infidelidade da esposa.

Nesse clima de tensão, as brigas são constantes, e é nelas que percebemos as diferenças entre ambos: para o marido, só o fato de ter tirado a mulher de uma situação financeira difícil é motivo suficiente para que ela nunca pense em traí-lo, deixando claro que, de algum modo, ela depende dele. Lídia não enxerga a relação deles assim: para ela, o importante são as questões afetivas; assim, ela quer se sentir realizada como mulher e não entende o porquê de certas privações que o marido impõe a ela e ao relacionamento:

OLEGÁRIO (*taciturno*) – Dei dinheiro à sua família!

LÍDIA (*nervosa*) – Quero saber de mim! Você não soube ser marido! Ainda hoje, eu quase não sei nada sobre o amor. O que é que eu sei de amor?

OLEGÁRIO (*sardônico*) – Você quer dizer que não sabe de nada?

LÍDIA (*com veemência*) – Sei tão pouco! Era melhor que não soubesse de nada!

OLEGÁRIO (*mordaz*) – Afinal, você queria o quê?

LÍDIA – As minhas amigas me contam coisas... E eu fico espantada, espantadíssima... Nem abro a minha boca, porque não convém... Eu sou uma esposa que não sabe de nada, ou quase... No colégio interno, aprendi muito mais que no casamento. Parece incrível!

OLEGÁRIO (*cortante*) – Porque eu respeitava você!

LÍDIA – Ora!

OLEGÁRIO – Você era esposa, e não amante! E eu não podia, compreendeu? Para a esposa, existe um limite. [...]. Você era esposa, e não amante! E eu não podia, compreendeu? Para a esposa, existe um limite!

LÍDIA – Ah, eu não compreendi, nunca, esse escrúpulo, esse limite! Eu pensando que o casamento era outra coisa – tão diferente – e quando acaba você sempre foi tão escrupuloso! Até me proibia de ler livros imorais. Tinha um cuidado comigo, meu Deus do céu! (*agressiva*) Tinha alguma coisa, eu – uma mulher casada – ler certos livros?

OLEGÁRIO (*sombrio*) – Você nunca falou tanto.<sup>14</sup>

Para entendermos melhor a dinâmica dessa relação, o diálogo com Freud torna-se imprescindível, pois, em *Mal-estar na civilização* (1930), o autor debate como a vida humana é marcada pela busca constante de felicidade e que o seu alcance pleno se dá pela realização “de fortes prazeres”; na maioria das vezes, esses desejos estão ligados ao nosso lado mais instintivo, que não delimita entre o certo e o errado. Aí está o primeiro obstáculo: como realizarmos tudo o que queremos se compartilhamos o espaço com o outro? Nessa categoria “de fortes prazeres”, o “amor sexual” tem um papel importante no caminho de realização da felicidade; porém, o amor sexual é dado como tabu para a maioria das culturas ocidentais, e o primeiro passo dessa educação é inibir qualquer manifestação de sexo na infância. Tal prática é perigosa, pois é na infância que se descobrem os órgãos genitais num sentido mais amplo. Se a criança perde essa experiência ou é reprimida quando começa a se tocar, pode se tornar alguém que não conhece o próprio corpo e não tem conhecimento nenhum de manusear o prazer para si próprio.

<sup>14</sup> RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo de Nelson Rodrigues**. Organização e introdução Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. v. 1. p. 67.

Segundo essa educação conservadora, o conhecimento só vem depois que atinge certa idade. O discurso hierarquizado, para que todos sejam iguais na vida sexual, enfatiza mais as restrições do que os prazeres que podem ser alcançados. Desse modo:

A civilização atual dá a entender que quer só permitir relações sexuais baseadas na união indissolúvel entre um homem e uma mulher, que não lhe agrada sexualmente como fonte de prazer autônoma e que está disposta a tolerá-la somente como fonte, até agora insubstituível, de multiplicação dos seres humanos.<sup>15</sup>

Sabemos, também, que a religião teve um papel muito importante nesse processo de restrição do sexo, já que, em dado momento, ela se incumbiu da tarefa de “regulamentar” o casamento como algo sagrado, aproveitando, assim, um pouco do poder que o Estado possuía sobre as uniões dos mais ricos. Depois de tornar o casamento um ato sacralizado, a Igreja Católica passou séculos para alicerçar, definitivamente, essa união. Como lidar com a intimidade que essa união traz para as pessoas?

Dentro dessa educação sexual, o homem recebe uma educação diferente da mulher: para a Igreja é papel do marido avaliar o que é melhor para o ato sexual, preferencialmente quando a mulher está mais fértil, para que o sexo não caia no cotidiano do casal, pois, como a personagem de Eva, a mulher é mais sensível a cair nas armadilhas do desejo carnal. Nessa dinâmica, o homem pode ter uma experiência sexual antes do casamento; afinal, ele precisa conhecer o sexo para mostrá-lo à futura esposa, que se casará virgem e, na teoria, sem conhecimento do próprio corpo.

Com essa rápida análise, fica claro que Olegário recebeu uma formação religiosa conservadora, ensinado que, entre a mulher da rua e a esposa, há uma distância muito grande. Ele não pode simplesmente deixar seus desejos sexuais aflorarem nem mesmo mostrar interesse em realizar as vontades de sua esposa. As atitudes de Lúcia colocam em conflito tudo aquilo que lhe foi ensinado.

A questão do prazer dentro do matrimônio foi muita cara à educação religiosa. Muitos teólogos debruçaram-se a pensar como o prazer podia existir sem “atrapalhar” a sacralidade do casamento. Chegaram, então, ao “prazer moderado”, que consistia na ideia de que a relação sexual poderia ser prazerosa, mas só se fosse com o intuito de procriar.

---

<sup>15</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 50.

O matrimônio fora sacralizado sem ser desencarnado, e os valores positivos atribuídos à conjugabilidade foram pouco a pouco sendo atribuídos à relação conjugal. No final do século XIII observaram-se as inflexões mais marcantes da moral eclesiástica. Richard Middleton transforma o prazer moderado em um fim aceitável do acasalamento. Para ele, bem como para São Tomás de Aquino seguindo Aristóteles, o prazer sexual é bom quando os fins que se perseguem são bons. Além disso, o prazer pode contribuir para o equilíbrio individual e social; portanto, torna-se portador de um pouco de virtude conjugal. [...] É verdade que essas concessões logo encontraram os seus limites: tanto os clérigos como os homens estabelecidos têm em vista a salvaguarda da ordem conjugal, incessantemente ameaçada pela concupiscência, pelas paixões ou pelas turbulências sociais.

Adúltero é o esposo que deseja muito ardentemente sua mulher: ele conspurca a conjugabilidade. Todos os moralistas o repetem: abandonar-se aos sentidos no casamento é mais grave do que fora dele.<sup>16</sup>

Esse é exatamente o conflito de Olegário: a mulher pede por uma sensação de prazer que, aos seus olhos, é inconcebível dentro do casamento. Perante essa educação que recebeu, não nos espanta quando Olegário declara que a ideia perfeita para ele de casamento é quando ambos se preservam castos<sup>17</sup>.

OLEGÁRIO – Mas eu quero te dizer, ainda, uma coisa. E vou dizer. (*num transporte*) Sabes que eu acharia bonito, lindo, num casamento? Que o marido e a mulher, ambos, se conservassem castos – castos um para o outro – sempre, de dia e de noite. Já imaginastes? Sob o mesmo teto, no mesmo leito, lado a lado, sem uma carícia? Conhecer o amor, mesmo do próprio marido, é uma maldição. E aquela que tem a experiência do amor devia ser arrastada pelos cabelos...<sup>18</sup>

O oposto desse pensamento está em Lídia, que, por não ter recebido a mesma educação de Olegário, se guardou até o casamento com a expectativa de que, depois da união, todas as suas fantasias iam se realizar; porém, ao casar com Olegário, nada disso ocorre – como ela mesma diz: “No colégio interno, aprendi muito mais que no

<sup>16</sup> ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 73/74.

<sup>17</sup> A Castidade não possuiu o mesmo significado que a virgindade: a pessoa casta pode já ter feito sexo, mas se abstém dos prazeres carnavais, ou seja, ela pode fazer sexo, mas não pode tomar o sexo como algo ligado apenas ao desejo.

<sup>18</sup> RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo de Nelson Rodrigues**. Organização e introdução Sábato Magaldi. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1981. v. 1. p. 70.

casamento”. A mulher esperava que seu marido, que já fora casado uma vez e era mais velho que ela, a apresentasse maneiras de se realizar sexualmente; em outras palavras, ela queria se realizar sexualmente com o marido.

Lídia suporta a situação até se dar conta de que o marido nunca vai mudar sua postura diante o casamento e que sempre a verá como a esposa casta, cuja beleza só pode ser vista, mas nunca desfrutada. Por fim, ela foge com o motorista.

Essa mesma união aparentemente perfeita, em que marido e mulher são conscientes de seus papéis dentro do casamento, nos é apresentada na peça *Toda nudez será castigada* (1965). Nela, Herculano é um homem que, aparentemente, possui tudo: dinheiro e uma boa família. A situação muda drasticamente depois que sua mulher morre de câncer, fazendo o viúvo se trancar no quarto, pensando em se matar. As tias que moram na mesma casa se preocupam com a situação do sobrinho, principalmente porque “Herculano é o chefe da família. Não pode morrer”<sup>19</sup>. Desse modo, mandam o sobrinho Patrício ir buscar o padre Nicolau para conversar com o viúvo.

Patrício nunca conseguiu ter a mesma estabilidade financeira que o irmão e, por isso, depende financeiramente de Herculano. Por esse motivo, sente ódio pelo irmão, vendo, nessa situação, uma chance de vingança. Assim, ele vai atrás de Geni, uma prostituta:

PATRÍCIO (*exaltando-se*) – Eu sou o cínico da família. E os cínicos enxergam o óbvio. A salvação de Herculano é mulher, sexo! (*Triunfante*). Para mim, não há óbvio mais ululante!

GENI – Que conversa! Um sujeito cheio de gaita, não há de faltar mulher.

PATRÍCIO – Você parece burra! Eu não digo qualquer mulher. Quer saber de uma coisa? De cada mil mulheres, só uma não é chata sexual. Novecentas e noventa e nove mulheres são chatérrimas.<sup>20</sup>

É importante ressaltar que Herculano se casou virgem, transava uma vez por mês e só na posição “papai e mamãe”<sup>21</sup>, de luz apagada. Depois da morte da mulher, jurou ao

---

<sup>19</sup> IBID. p. 162.

<sup>20</sup> RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo**. Organização e introdução de Sabato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. v. 1. p. 165.

<sup>21</sup> Posição sexual em que o homem fica sobre a mulher. É interessante ressaltar que, segundo o historiador Ronaldo Vainfas, em *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*, essa posição era a mais aconselhada pelos padres católicos na Idade Média.

filho e às tias que se tornaria casto dali em diante. Sabendo dessa promessa, Patrício teve a ideia de apresentar a ele a prostituta Geni, pensando que a melhor maneira de se vingar de Herculano seria torná-lo o oposto do que ele dizia ser, o que mudaria a visão que a família tinha dele.

Então, Patrício embebeda Herculano e leva-o para o prostíbulo. Lá, ele passa 72 horas com Geni, realizando todas as suas fantasias sexuais. Quando acorda, não sabe onde está, e sua única arma é ofender a prostituta, comparando-a com um mictório:

GENI – Pois olhe. Você me disse que tua mulher não chegava a meus pés. Disse. Você berrava: – A minha mulher era uma chata!

HERCULANO (*alterado*) – Não, Não! Uma santa, uma santa! Se repetir isso eu te mato!

GENI – Foi assim que você entrou aqui. De quatro. (Ri mais alto). Seu cão!

HERCULANO – Não ri! Pára de rir!

GENI – Tua mulher tinha varizes!

HERCULANO – Como é que sabe?

GENI – Não tinha varizes?

HERCULANO (*com esgar de choro*) – Não! Não!

GENI – Tinha (*às gargalhadas*) Ai, meu Deus! Você me contou. Foi você. E você tinha nojo das varizes de tua mulher!

HERCULANO (*num berro*) – cala a boca!

GENI – Ela não tinha as coxas separadas? Hem, seu cão? (*Sempre às gargalhadas*) – Ai meu Deus, não aguento mais! E ela tomava banho de bacia, banho de acento, antes de dormir! Fazia assim com a mão com na água. (*imita o gesto*)<sup>22</sup>

Depois desse ocorrido, Herculano volta ao prostíbulo para se retratar com Geni. A prostituta aproveita a situação e tenta seduzi-lo novamente, e o homem vê-se mais uma vez preso nas armadilhas do desejo pulsante por aquela mulher. Geni, orientada por Patrício, não termina o ato sexual e diz que só chegará aos devidos fins se Herculano se casar com ela. O que “freia” Herculano é sua família, uma vez que todos achariam um absurdo ele se relacionar com alguém depois da viuvez; o espanto só seria maior se soubessem que a mulher era uma prostituta.

---

<sup>22</sup> RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo**. Organização e introdução de Sabato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. v. 1. p. 172.

Enquanto não se casam, os encontros aconteciam às escondidas, mas sem intimidade nos gestos. A mulher sempre persistia na ideia de casar e sua maior reclamação era que, depois dos encontros, ela que precisava se satisfazer sozinha:

HERCULANO (*amargurado*) – Amor não é isso!

GENI (*furiosa*) – Me diz então o que é que é amor?

HERCULANO – Certas coisas a mulher não diz, não deve dizer. Pode insinuar. Insinuar. Mas não deve dizer. Delicadeza é tudo na mulher.

GENI (*na sua cólera contida*) – Hoje tudo que é mulher diz puta que o pariu. Ah, de vez em quando, você me dá vontade, nem sei. Vontade de te quebrar a cara, palavra de honra. Desconfio de que você gosta de apanhar. Há homens que gostam.

HERCULANO – Que conversa baixa!<sup>23</sup>

Se Lídia queria realizar seus desejos com o marido, mas não dizia com todas as letras o que precisava e o que fazia para suprir essa vontade, Geni é diferente: por causa de sua profissão, ela tem uma outra relação com seu corpo; em vários momentos, fala palavrões e faz gestos insinuando que está se tocando. Esse comportamento incomoda Herculano, que, em cada apreensão, pretende mostrar o comportamento adequado de uma mulher, segundo seu entendimento.

Quando finalmente se casam, Geni muda completamente. Ela passa a não aceitar mais certas posições no ato sexual. Não xinga nem faz gestos obscenos, e os motivos para essa mudança são vários, a começar pela forma como as tias de Herculano a aceitaram, inventando um passado de moça pura, que se manteve virgem até o casamento. Esse discurso é repetido tantas vezes que a própria Geni toma a história como verdade. Outro elemento é seu amor por Serginho, seu enteado que lhe mostra um amor puro e sem nenhum tipo de erotismo.

Toda a autoconfiança que ela possuía no começo se transforma em insegurança. Quando Serginho foge do país com outro homem, Geni já não se reconhece mais naquele lugar e em nenhum outro. A mulher não enxerga mais nenhuma saída para acabar com seu sofrimento. Então, ela decide se matar, mas, antes de cometer o suicídio, grava uma fita K7 para o marido explicando todo o plano arquitetado por Patrício e confessando que se apaixonara por Serginho. Como último pedido, pede para que seja enterrada sem

---

<sup>23</sup> RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo**. Organização e introdução de Sabato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. v. 1. p. 193.



nenhuma identificação. Isso, por si só, mostra a confusão em que estava a cabeça de Geni: ela não sabe dizer quem era ou quem foi.

Herculano lembra-nos Olegário, uma vez que ambos possuem a mesma ideia de casamento e de qual é o papel do homem e da mulher na união; a diferença é que Herculano se entrega aos desejos da carne, e o que faz casar-se com Geni é esse desejo. Então, ele enxerga a mulher como um objeto desejável e, mesmo censurando-a em dados momentos depois de casado, ele sente atração física por ela.

Outro personagem que recebeu a mesma educação sexual que os dois personagens citados acima é Décio, de *A Serpente* (1978). Casado há um ano com Lígia, ele não havia conseguido consumir o casamento, porque não conseguia nem tocar a mulher. A situação complica-se de tal forma que Décio, em um momento de fúria, coloca a culpa na mulher, chamando-a de “puta”, mesmo sabendo que ela nunca tinha feito sexo nem procurado fazer com outras pessoas:

DÉCIO – Diz agora que és puta. Diz, que eu quero ouvir.

LÍGIA (*lenta*) – Sou uma prostituta

DÉCIO (*trincando as palavras*) – Eu não disse prostituta. Eu quero puta.

LÍGIA (*soluçando*) – Vou dizer. Sou uma puta.

DÉCIO – Agora olha para mim e presta atenção. Se você fizer um comentário sobre a nossa intimidade sexual, seja com quem for. Teu pai, essa cretina da Guida, uma amiga, ou coisa que o valha, venho aqui e te dou seis tiros. E quando estiveres no chão, morta, ainda te piso a cara e ninguém reconhecerá a cara que eu pisei.<sup>24</sup>

Com esse problema, Décio resolve sair de casa e só volta a procurar Lígia depois de ter conseguido fazer sexo com outra mulher:

DÉCIO – Até o dia do meu casamento que não tinha sido homem com mulher nenhuma. Aquele senador disse na Tribuna: – “Eu casei virgem”. Ouçam, ouçam todos. Eu não conhecia nem o prazer solitário. Na véspera do meu casamento. Ouçam! Ouçam! Um psicanalista me disse: – “Se não pode copular por vias normais, use a via anal”. Eu então expliquei: – “Mas eu vou me casar amanhã”. E lhe disse mais: – “Fui um menino e um adolescente sem prazer solitário”. E o cara me respondeu: – “Tudo isso para mim é perfumaria”. Pois eu me casei e começou a nossa noite. Os dois, na cama, lado a lado. De repente, digo à minha mulher: – “Vamos dormir”. “O sexo de minha mulher é uma orquídea deitada”. A partir de então, todas as noites, eu esperava. Até

<sup>24</sup> RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo de Nelson Rodrigues**. Organização e introdução Sábato Magaldi. Rio de Janeiro, 1981. v. 4. p. 58.

que um dia, vi a nova lavadeira. Os peitos, a barriga, as nádegas e as ventas triunfais. Pela primeira vez, eu tive um desejo fulminante.<sup>25</sup>

Mediante a nossa análise, é correto afirmar que o último marido dos palcos de Nelson Rodrigues nos diz claramente o que seu primeiro marido tentava dizer: o sexo é ligado ao desejo e não ao amor; Décio não amava a lavadeira, ele só desejava seu corpo, ou seja, ele só conseguiu se satisfazer sexualmente quando o sexo não era mais uma questão de responsabilidade com outra pessoa, e sim com ele mesmo. O ponto que diferencia Décio de Olegário é que este podia sentir esse desejo por sua mulher, mas segurava-o ao máximo, pois acreditava em um casamento casto.

Retomando ao diálogo com Freud, Nelson Rodrigues traz a discussão de que esse homem e mulher reprimidos construíram uma família torta, com filhos com a mesma educação que receberam. Os embates entre eles serão grandes, pois ninguém quer perder o seu espaço dentro daquele convívio.

Já notamos que um dos principais empenhos da civilização consiste em juntar os homens em grandes unidades. Mas a família não quer ceder o indivíduo. Quanto maior for a coesão dos membros da família, mais frequentemente eles tenderão a se apartar dos outros, e mais dificilmente ingressarão no círculo mais amplo da vida.<sup>26</sup>

Podemos dar um exemplo conciso dessa família com a peça *Álbum de Família* (1945), que se situa na fazenda de Jonas, casado com D. Senhorinha, sua prima, mais nova que ele, e tiveram quatro filhos: Guilherme, Edmundo, Nonô e Glória.

Guilherme foi para o seminário. Edmundo sempre teve a mãe como uma santa, mas acabou se casando e mudou de cidade. Nonô é o preferido da mãe, mas ficou louco e, desde então, fica pelado rondando a fazenda, de modo que não entra mais na propriedade do pai. Glória, a preferida do pai, estuda em um convento. Além de Jonas e D. Senhorinha, a irmã dela, Tia Rute, mora na casa só por um simples motivo: é apaixonada por Jonas.

O patriarca tem a certeza de que a mulher e os filhos homens o odeiam; para ele, a única que se salvou na família foi Glória, por ser pura e ingênua. A obsessão do pai com

---

<sup>25</sup> RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo de Nelson Rodrigues**. Organização e introdução Sábato Magaldi. Rio de Janeiro, 1981. v. 4. p. 71.

<sup>26</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 48.

a filha é tão grande que este passou a desvirginar meninas de 15 anos que possuíam qualquer característica externa que lembrasse a filha. Quem o ajuda a arrumar essas meninas é tia Rute:

JONAS (*inesperadamente doce*) – Você não, Rute! Sempre firme, eu tenho certeza de que, se eu ficasse leproso, talvez meus filhos e minha mulher me matassem a pauladas. Mas você não teria nojo de mim. NENHUM!

TIA RUTE (*persuasiva*) – Não se excite, Jonas, lhe faz mal excitar-se.

JONAS (*gritando*) – Mas ELES estão enganados comigo. Eu sou o PAI! O pai é sagrado, o pai é o SENHOR! (*fora de si*) Agora eu vou ler a Bíblia, todos os dias, antes de jantar, principalmente os versículos que falam da família!<sup>27</sup>

A situação piora quando os filhos começam a voltar para casa. Guilherme larga o seminário. Edmundo separa-se da mulher e Glória foi expulsa do colégio interno por beijar uma menina e assumir o fato na frente das freiras.

Guilherme tem uma relação muito conflituosa com o pai. Quando era jovem, sentiu desejo por uma menina com que o pai havia transado. Ao perceber que sentia os mesmos desejos que o pai, Guilherme acaba se mutilando para não sentir prazer e decide entrar no seminário.

JONAS (*segurando Guilherme pela gola do paletó*) – Eu sei para que você deixou o seminário; por que desistiu de ser padre...

(Para os outros, exuberantes)

JONAS – Sei, sim! Foi para ter liberdade – para dar em cima dalguma prostituta!

D. SENHORINHA (*num lamento*) – Deus castiga, Guilherme! Deus Castiga!

JONAS – Quem é ela?

GUILHERME (*sombrio*) – Não quero, não me interessa nenhuma prostituta!

JONAS (*enche o palco com a sua voz*) – Mentiroso! E eu que sentia um certo respeito por você! PORQUE ACHAVA VOCÊ O ÚNICO PURO DA FAMÍLIA!

GUILHERME – e Glória?

JONAS (*retificando, rápido*) – Quer dizer, o único puro dos homens. (*para os outros*) Eu até não disse que ele era FRIO? Foi, não foi?<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> RODRIGUES, Nelson. **Álbum de família**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2012. p. 8.

<sup>28</sup> IBID, p. 16.

A grande preocupação de Guilherme é impedir que Glória volte para a casa e conviva sob o mesmo teto que o pai:

GUILHERME – Agora é o seguinte: eu vim na frente, Glória chega a qualquer momento, hoje ou amanhã, não sei. Eu queria combinar justamente uma coisa. ELA NÃO VEM PARA AQUI!

JONAS – Não vem para aqui – como? Por quê?

GUILHERME (*veemente*) – Porque esta é indigna, PORQUE VOCÊ NÃO PODE TER CONTATO NEM COM SUA PRÓPRIA FILHA! (*exaltadíssimo*) Você mancha, você emporcalha tudo – a casa, os móveis, as paredes, tudo!

JONAS – E você? É melhor do que eu? Você, meu filho? Tão sensual como eu!

GUILHERME (*triunfante*) – Fui! Eu fui sensual como você – era. Mas agora não sou mais – nunca mais.<sup>29</sup>

Aqui, temos o fio condutor do que Freud nos disse acima: o indivíduo mais forte dentro da família é o pai, mas, quando os filhos se dão conta de que juntos podem enfrentar o poder do pai, eles “vão para cima” questionar as atitudes que o pai tem com a mãe. Em contrapartida, na maior parte da peça, D. Senhorinha não tem essa segurança, e o casamento a impede, pois ela fez votos sagrados, e o marido para ela é seu superior, devendo respeito a ele.

Quando Guilherme conversa sozinho com Glória na igreja, a menina chega a dizer que está impressionada com a semelhança entre Jesus Cristo e seu pai; fascinada, confessa que, quando beijava a amiga, fechava os olhos e imaginava o pai. Guilherme, louco com a confissão de Glória, mata-a.

Enquanto isso, na casa da família, D. Senhorinha e Edmundo discutem sobre a possibilidade de matar o pai. A mãe flerta com a ideia, pensando que é melhor matá-lo quando estiver dormindo, mas, ao ouvir os gritos de Nonô pelo mato, vota a si e decide que não pode nem matar o marido nem fugir.

EDMUNDO (*mudando de tom, apaixonadamente*) – Mãe, às vezes eu sinto como se o mundo estivesse vazio, e ninguém mais existisse, a não ser nós, quer dizer, você, papai, eu e meus irmãos. Como se a família fosse a única e primeira. (*numa espécie de histeria*) Então, o amor e o ódio teriam de nascer entre nós. (*caindo em si*) Mas não, não! (*mudando de tom*) – Eu acho que o homem não devia sair nunca do útero materno.

<sup>29</sup> RODRIGUES, Nelson. *Álbum de família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2012. p. 20/21.

Devia ficar lá, toda a vida, encolhidinho, de cabeça para baixo, ou para cima, de nádega, não sei.<sup>30</sup>

O indivíduo é tão enraizado nos dilemas da família que não consegue ter um convívio com as outras pessoas. Temos, também, a fala de Heloisa, ex-mulher de Edmundo, que confessa a D. Senhorinha que o casamento deles nunca fora consumado, pois Edmundo, mesmo distante da família, não conseguia se abrir com a esposa e só rememorava as experiências que viveu com a mãe. Desse modo, ele não consegue construir nenhum laço com a mulher:

HELOISA (*exultante*) – Eu não existia para ele. Edmundo só podia amar e odiar pessoas da própria família. Não sabia amar nem odiar mais ninguém!

D. SENHORINHA (selvagem, deixando cair um pouco da máscara) – Isso eu também sabia.<sup>31</sup>

Num ímpeto, D. Senhorinha diz que não vai mais viver com o marido; confessa que já o traiu e, para respeitar sua identidade, diz o nome de outro homem. Jonas entrega uma arma para a mulher e pergunta se tem coragem de atirar; a mulher ouve Nonô chamá-la e declara que o seu amor foi sempre seus filhos homens, em especial Nonô. Ela atira no marido e sai à procura do filho, despindo-se de tudo. Mais uma vez, Nelson Rodrigues dialoga com Freud e mostra-nos a morte do pai, que aqui tem um papel simbólico importante: matar o pai é matar toda a soberania que existe. Ela mata e desiste de tudo para ficar com Nonô na sua loucura; ela mata o pai e, com ele, as doutrinas.

Segundo Freud, todas essas restrições ao amor sexual acontecem pelo fato de que, quando o homem acha seu objeto de desejo e eles formam um par, nada mais importa; é aquela velha história dos romances em que o casal se identifica tanto que ambos se tornam um só. Nos romances, essa história é bonita, mas, para a realidade, esse desejo saciado pelo outro é muito problemático. O convívio social fica atrofiado, e, para a civilização, isso é péssimo. Desse modo, são criados inúmeros artifícios para que o homem tenha interação com toda a comunidade.

---

<sup>30</sup> RODRIGUES, Nelson. **Álbum de família**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2012. p. 32.

<sup>31</sup> IBID, p. 38.

Uma frase que foi apropriada pela religião católica: “Ama teu próximo como a ti mesmo” foi pregada por milênios, mas o homem não consegue executá-la muito bem; o grande problema do amor universal está no fato de o indivíduo não querer compartilhar o seu amor com pessoas que não fizeram nada para merecê-lo e que, por consequência, não darão o valor devido; essa certeza se dá por causa do estranhamento que o outro causa no homem – esse outro não participa ativamente da suas conversas, não sabe suas qualidades ou defeitos, então, como amar alguém que não nos entende? Desse modo, a indiferença é o único sentimento existente. A verdade é que nossos relacionamentos são baseados em interesses pessoais, seja porque gostamos sexualmente da pessoa, seja porque as ideias sejam parecidas, seja porque, em determinado momento, aquela pessoa nos servirá para algo. Freud vai mais além quando questiona a solidariedade: fazemos o bem ao outro pensando só em nós e na recompensa que virá, seja nessa vida, seja na outra.

Nessa perspectiva, o casamento sempre esteve atrelado ao Estado. Na antiguidade romana, o casamento era visto muito mais como um negócio entre nobres do que uma união de amor. Durante a Idade Média, a Igreja Católica tomou parte do poder do Estado para ter um maior controle sobre os nobres e entrar nessas negociações para barganhar terras. Nesse sentido, Nelson Rodrigues assume a dinâmica de que o casamento ainda é um negócio: se aqui não temos terras para negociar, temos em jogo a moral de duas famílias, uma rica e outra pobre, e, para as duas, o valor do casamento é o mesmo; é, assim, um símbolo social de que a família é bem-sucedida. Dentro desse contexto, a primeira peça que apresentamos é *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (1963), que começa com Edgard num bar com o assistente de seu chefe:

PEIXOTO – Bem. Uma curiosidade: – O que é que você faria, o quê, pra ficar rico? Cheio do burro? Milionário?

EDGARD – Eu faria tudo! Com a frase do Otto no bolso, não tenho bandeira. E, de mais a mais, sou filho de um homem. Vou-lhe contar. Quando meu pai morreu tiveram de fazer uma subscrição, vaquinha, pra o enterro. Os vizinhos se cotizaram. Comigo é fogo. A frase de Otto me ensinou. Agora quero um caixão com aquele vidro, como o do Getúlio. E enterro de penacho, mausoléu, o diabo. Não sou defunto de cova rasa!

PEIXOTO – Isso mesmo. O Otto Lara é que está com a razão.

EDGARD (*num repelão de bêbado*) – O mineiro só é solidário no câncer. E eu sou mau-caráter, pronto! Mas, escuta. O que é que eu devo fazer?

PEIXOTO – É simples. Você não vai matar ninguém. Você vai se casar. Apenas. Casar.<sup>32</sup>

A mulher com quem se casaria era Maria Cecília, filha de Werneck, um homem muito rico e, para piorar a situação de Edgard, seu chefe. Passado o efeito da bebida, Edgard repensa a ideia de se casar por dinheiro, e o motivo que o faz repensar a decisão é o amor que sente por Ritinha, sua vizinha.

Quando é chamado para conversar com o patrão/futuro sogro, descobre que a situação é mais complicada do que imaginava: a moça tinha sido estuprada por cinco negros no meio de uma estrada. A pessoa por trás da ideia do casamento é a mãe da jovem, que apresenta uma contradição interessante: ao mesmo tempo que acredita que o casamento é o melhor caminho para poder restaurar a pureza que a filha perdeu no acidente, não questiona que o casamento é comprado e que os ditos noivos nem se conhecem:

D. LÍGIA (*revoltada*) – Você fala como se estivesse comprando um genro! E eu não admito que você trate o casamento da sua filha. A filha menor, a caçula. Como se fosse toma lá e dá cá. Heitor, o casamento é outra coisa. É um sacramento.<sup>33</sup>

Este não é o primeiro casamento comprado da família, uma vez que a filha mais velha não encontrou ninguém e acabou casando com Peixoto; esta trai o marido na própria casa, que sabe de tudo e só não reclama para não perder o cargo na empresa.

A maior preocupação de Lígia é a celebração e como a noiva deve se portar na Igreja; afinal, Deus sabe o que aconteceu e, se ela pretende usar a santidade do casamento para “salvar” a filha das impurezas que sofreu, Lígia precisa ser honesta com Deus:

D. LÍGIA (*com certa impaciência*) – Está ouvindo, Heitor?

WERNECK – Sei. Casamento. Simples.

D. LÍGIA – E sem vestido de noiva.

WERNECK (*olhando a carta*) – Valete. (*mudando o tom*) Sem vestido por quê?

D. LÍGIA – Ora, Heitor!

WERNECK – Mas claro!

---

<sup>32</sup> RODRIGUES, Nelson. **Otto de Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 13.

<sup>33</sup> IBID, p. 33.

D. LÍGIA – Depois do que houve não seria decente!

WERNECK – Mas ninguém sabe!

D. LÍGIA – Deus sabe!

WERNECK – Deus não se mete. Aquele médico, aquele. Resolveria a situação. Mas você pensa que toda noiva é cabaço. <sup>34</sup>

Werneck tem o perfil do homem que nasceu pobre e que enriqueceu na idade adulta. Acredita que tudo tem seu preço e que não há nada que o dinheiro não resolva – está na situação de que comumente se chama de “novos ricos”, em que a preocupação não é ter conhecimento das coisas que está comprando, e sim ter o poder de comprar tudo. Por conseguinte, o pai não compartilha da mesma ideia que a mulher: para ele, a filha poderia viajar para fora do país até que todos esquecessem o ocorrido. Quanto à virgindade da menina, o caso seria mais simples ainda para o pai: contrataria um médico que fizesse restauração do hímen.

Mesmo com toda essa pressão, Edgard não deu nenhuma resposta definitiva à família. Para ajudá-lo a decidir mais depressa, Werneck deu um cheque de cinco milhões de cruzeiros com a promessa de que, se se casasse com sua filha, cheques assim se multiplicariam. O cheque passou a ser para Edgard um teste de consciência: se não conseguisse rasgá-lo, ele seria um interesseiro de marca maior.

O drama de consciência de Edgard agrava-se mais quando descobre que Ritinha, a moça por quem é apaixonado, é uma prostituta nas horas vagas, que faz esse serviço para ajudar nas contas de casa.

RITINHA (*chorando*) – Edgard, eu! Eu!

EDGARD (*feroz*) – Fala!

RITINHA – Eu continuaria fingindo se fosse outro. Mas escuta. De você, eu gosto. A professorinha é uma máscara. Eu sou outra coisa. (*num desespero maior*) – Vou com qualquer um por dinheiro! Não me compare à sua noiva. Eu não chego aos pés. <sup>35</sup>

Com a declaração de Ritinha, Edgard decide se casar com Maria Cecília. Ao conversar com Peixoto sobre a decisão, o futuro cunhado decide ser sincero sobre a

<sup>34</sup> RODRIGUES, Nelson. **Otto de Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 57.

<sup>35</sup> RODRIGUES, Nelson. **Otto de Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 55.



família, e sua sinceridade nos faz lembrar de Freud, quando este aborda a importância de o indivíduo manter sua individualidade dentro da família. Dentro da família, a intimidade vem à tona e conhecemos o outro mais do que esperávamos, pois vemos seus desejos mais obscuros sendo realizados. No caso da peça, Werneck, por exemplo, além de comprar o casamento das filhas, faz festas com outros milionários regadas a garotas de programas. Como já sabemos, Peixoto só se casou por dinheiro e sabe das traições da mulher.

Assim, o apodrecimento está na intimidade, pois é com ela que conhecemos os desejos mais secretos do outro, que começamos a enxergar os defeitos do outro com uma lupa, tudo ampliado, e que ficamos com a certeza de que ainda somos animais tentando parecer pessoas polidas.

PEIXOTO – Acaba logo. Você diz que eu estou bêbado. Mas escuta. Toda a família tem um momento em que começa a apodrecer. Percebeu? Pode ser a família mais decente, mais digna do mundo. E lá um dia, aparece um tio pederasta, uma irmã lésbica, um pai ladrão, um cunhado louco. Tudo ao mesmo tempo. Está ouvindo Edgard?

EDGARD – Acaba.

PEIXOTO (*lento*) – Com minha autoridade de bêbado, te digo: a família de minha mulher, de tua noiva, começou a apodrecer. E, nós, eu e você, Edgard, também!

EDGARD (*recuando*) – Eu me recuso!

PEIXOTO (*caricioso e terrível*) – Você se recusa a apodrecer?

EDGARD (*desesperado*) – Eu não me vendi! E olha! Eu não sou você!

PEIXOTO – Sua besta! Você ainda esperneia. Ainda. Eu também esperneava. E depois. (*com mais força*) – Você vai acabar como eu. Vai cair de quatro. De quatro diante do dinheiro! Sabe o que é dinheiro! Sabe o que é dinheiro? O tutu?

EDGARD (*furioso*) – Você é de uma sordidez que.

PEIXOTO – E quem é você pra me chamar de sórdido? Ou se esquece que foi você que descobriu a frase do Otto? (*feroz*) – E queres saber duma? Não há ninguém que trepe na mesa e diga: – “Eu sou um canalha!” Pois bem, eu digo! “Eu sou um canalha!” Digo isso de boca cheia! Sou um canalha!<sup>36</sup>

Mas os segredos da família Werneck não se esgotam; o que nem Edgard desconfiava é que Maria Cecília não é uma menina pura que foi violentada pela

---

<sup>36</sup> RODRIGUES, Nelson. **Otto de Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 86.

adversidade do destino. Depois de ver uma manchete no jornal sobre um estupro, a moça ficou com vontade de ser aquela mulher dos jornais; assim, convence Peixoto a ajudá-la a montar a situação, de forma que ele contrata homens e combina como deve ser o estupro. A última exigência da moça era que Peixoto devia assistir a tudo:

PEIXOTO – Depois eu vou embora. Saio. Mas, primeiro, escuta. Quando Maria Cecília saiu do colégio, logo depois!

MARIA CECÍLIA – Mentira!

PEIXOTO (*sem ouvi-la*) – Logo depois. Maria Cecília leu num jornal da empregada uma reportagem de curra, no Leblon. Fizeram o diabo. Eram cinco. Estou mentindo?

MARIA CECÍLIA – “Cadelão!”

EDGARD (*desesperado*) – Continua!

PEIXOTO – Eu me apaixonei por ela. E ela me dizia: – “Eu queria uma curra como aquela do jornal”. Pôs isso na minha cabeça. Então, eu catei cinco sujeitos. Paguei os cinco. Custou cinquenta contos. Ela queria que eu ficasse olhando. Compreendeu, Edgard? Foi ela! Ela que pediu para ser violada

[...]

PEIXOTO – Tem 17 anos e é mais puta que. E só sabe amar assim. A única coisa que a prende a mim é o apelido de “Cadelão”. Foge dessa mulher. Foge, porque eu não fugirei nunca! <sup>37</sup>

Peixoto é o personagem que guia Edgard por essa família torta e sucumbida por seus próprios desejos; um guia que já caiu nas armadilhas da ambição e do amor não correspondido e que é o único que diz a verdade sobre ele mesmo: é um canalha. Aqui, não vem ao caso discutirmos se ele se arrepende ou não, pois, depois desse diálogo, Peixoto mata Maria Cecília e depois se mata. Em toda essa jornada por um mundo sádico, onde dinheiro compra tudo, Edgard percebe que não pode se vender por tão pouco e que o amor vale mais; assim, procura Ritinha e declara-se para ela; a única coisa que pede é para abandonar a prostituição:

EDGARD – Vamos começar sem um tostão. Sem um tostão. E se for preciso, um dia, você beberá água da sarjeta. Comigo, nós apanharemos água com as duas mãos. Assim. E beberemos água da sarjeta. Entendeu? <sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> . RODRIGUES, Nelson. **Otto de Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 92.

<sup>38</sup> IBID, p. 86.

Curiosamente, *Bonitinha, mas ordinária* é a única peça de Nelson Rodrigues que possuiu um final um pouco esperançoso. Ainda há os castigos, com a morte de Maria Cecília e Peixoto, mas o final esperançoso está em Edgard, que consegue negar tudo aquilo que ilude o homem contemporâneo, como dinheiro e sucesso rápidos, para seguir o que acreditava ser a felicidade: estar ao lado da mulher que ama.

Em *Os 7 Gatinhos* (1978), Seu Noronha tem um grande problema: pai de cinco filhas, de modo que quatro não conseguiram se casar de jeito de nenhum. Isso só contribui para a má fama que a família tem na vizinhança:

SEU NORONHA – Eu tenho cinco filhas. Acompanhem meu raciocínio: quatro não se casaram.

ARLETE – Grande novidade!

SEU NORONHA (*sem ouvi-la*) – Qualquer vagabunda se casa. A filha do Tolentino, aqui do lado. Não se casou? Andava esfregando em todo mundo e não se casou? Entrou na igreja, de véu e grinalda, que só vendo. Hoje, tem amantes, o diabo! (*triumfante*) Mas é casada aí é que esta! Cassadíssima! E minhas filhas não (*furioso*) Por quê? Por quê?<sup>39</sup>

Para melhorar a moral da família, colocaram a filha caçula, Silene, em um colégio interno. Lá, ela pode se conservar virgem e ser o respaldo de pureza que a família precisa para mostrar aos outros que alguém tem a possibilidade de se casar naquela casa, a fim de que o casamento ocorra perfeitamente. As quatro filhas se prostituem para guardar o dinheiro para o enxoval; dessa maneira, para as irmãs de Silene, esse serviço “extra” não é visto como algo imoral; afinal, o motivo é mais que digno e como a irmã mais velha diz: não sai com qualquer um e a qualquer hora:

AURORA – Mulher de zona, vírgula! E que mania! Eu faço a vida, mas não é com qualquer um. Só com conhecidos, ou então pessoas apresentadas. Moro com meus pais e tenho que dar satisfações a minha família. Tenho emprego no Instituto e minha mãe sabe dos meus arranjos, mas meu pai nem desconfia.<sup>40</sup>

O casamento para a família de Aurora está atrelado ao *status* social, pois, quando enfatizam que o casamento será um grande acontecimento na cidade, eles estão pensando na visibilidade social que o matrimônio representa. Mesmo que não seja dito na peça, fica

<sup>39</sup> RODRIGUES, Nelson. **Os 7 Gatinhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 58.

<sup>40</sup> IBID, p. 36.

claro que, quando Silene sair do colégio, seu pretendente precisará ter uma condição social maior que a da sua família.

A pureza que os integrantes da família remetem a Silene é como uma desculpa para tomarem todas as atitudes e não serem julgados. De algum modo, a pureza de Silene protege-os deles mesmos; essa é, sem dúvida, uma questão muito complexa. Por isso, Lins ilumina-nos sobre essa questão:

Afinal, apesar da prostituição da sujeira que os contamina a todos, o enxoval de Silene para o qual as filhas contribuem é a possibilidade de redenção que elas possuem. Sem Silene, a miséria seria completa, insuportável, como veremos. A existência de Silene, em outras palavras, a existência do ideal de pureza que todos respeitam e obedecem como a um tabu, contém a fúria de seu Noronha.<sup>41</sup>

Com o intuito de entendermos a dinâmica dessa família, selecionaremos uma cena clássica da peça: Seu Noronha, ao chegar em casa, vai ao banheiro e encontra-o todo rabiscado com desenhos e palavras obscenas, de modo que sai irritado, chamando a mulher e as filhas para interrogá-las sobre o fato. Aos ver as filhas trocando de roupa e se depilando com a porta aberta sem nenhum pudor, Noronha começa a perder a cabeça: “essas são minhas filhas” – pensa consigo mesmo; no entanto, ele é impotente para mudar a situação, uma vez que suas filhas não o respeitam como autoridade. Mesmo com esforço, ele não consegue descobrir quem rabiscou o banheiro, o que o deixa enfurecido. Isso faz com que ele desconte sua raiva na pessoa que ele menos respeita na casa (e que, em contrapartida, mais o respeita): sua esposa:

SEU NORONHA – Bem, antes de começar, eu quero explicar uma coisa. É o seguinte: ainda agora, eu ameacei, fisicamente, sua mãe. Débora viu. Ora, eu não tenho o direito de ameaçar, fisicamente, ninguém. Acho que quem dá na cara de alguém ofende a Deus. Portanto, eu, na presença de todas vocês, eu peço desculpas à Gorda. (Vira-se para a mulher). Gorda, você me desculpe.

D. ARACY (*Veemente*) – Você ofende, e, depois, pede desculpas?

SEU NORONHA (*Triunfante*) – Vocês estão vendo? Não se pode tratar bem uma mulher. (*Para D. Aracy*) A Gorda não aceita minhas desculpas. Lavo as minhas mãos!<sup>42</sup>

<sup>41</sup> LINS, Ronaldo Lima. **O teatro de Nelson Rodrigues**: uma realidade em agonia. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979. p. 171.

<sup>42</sup> RODRIGUES, Nelson. **Os 7 Gatinhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 52.

Essa passagem é importante porque nos faz entender o quanto Noronha é um homem de aparências: ele faz um esforço tremendo para “segurar” o que ele realmente é – um homem sem paciência e que não se importa com ninguém; mesmo aquela sendo sua família, ele não consegue ter nenhum laço com essas pessoas. O apreço por Silene só existe em virtude de ela ser a última chance de mudar sua imagem de derrotado. É nesses momentos de discussão que vemos como é difícil para ele se controlar e ser educado com sua mulher e suas filhas.

Ao descobrirem que Silene está grávida e que o rapaz é comprometido, Noronha já não tem de fingir mais nada, uma vez que tudo o que planejou está arruinado. Assim, oferece ao médico e ao vizinho suas filhas como prostitutas; seu plano passa a ser tornar sua casa um bordel, colocando até a sua mulher para trabalhar como prostituta:

SEU NORONHA (*Num falso e divertido espanto*) – Canalha, eu? (*Incisivo*) eu só, não! Todos nós somos canalhas! (*Rindo, pesadamente.*) Também o senhor, também o senhor! (*Novamente sério e violento*) sabe por que esta família ainda não apodreceu no meio da rua? (*Num solução*) porque havia uma virgem entre nós! O senhor não entende, ninguém entende. Mas Silene era virgem por nós, anjo por nós, menina por nós (*Feroz*) mas, agora que Silene está no quarto – esperando pelo senhor! (*Riso de desespero*) – nós podemos finalmente cheirar mal e apodrecer.... Quer ver uma coisa? Eu lhe mostro. (*Para as mulheres*) quem foi que escreveu nomes feios no banheiro? Podem confessar, porque já começamos a apodrecer.<sup>43</sup>

Igual a Peixoto, Seu Noronha assume sua condição: ambos acreditam na podridão da família; a única diferença é que Noronha quer romper com tudo e relevar todos os podres da família em voz alta, ou seja, quer escancarar tudo aquilo que tentou esconder. Hilda entrega Arlete dizendo que a viu beijar uma mulher, e a irmã não desmente, dizendo que tem nojo de homem. Aracy revela, então, que era ela quem fazia os desenhos no banheiro:

D. ARACY (*Confusa chorando*) – Não sei.... Talvez porque: eu quase não vou a um cinema, a um teatro, vivo tão só! E também porque (*Mais agressiva*) eu não tenho marido! (*Para Seu Noronha*). Há quanto tempo você não me procura como mulher? (*Para o médico*) até já perdi a conta! Então, eu ia para o banheiro, rabiscava e, depois, apagava. Ontem, é que eu me esqueci de apagar...<sup>44</sup>

<sup>43</sup> RODRIGUES, Nelson. **Os 7 Gatinhos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 110.

<sup>44</sup> IBID, p. 111

A infelicidade de Aracy diante do casamento não afeta o marido. É aí que percebemos que o casamento é “de fachada” para Seu Noronha, que se casou porque era correto se casar; teve suas filhas e, depois, nunca mais procurou a mulher. Em outras palavras, depois de ter terminado sua obrigação como marido, não se importou mais com a mulher, tanto que o apelido que dá a mulher não é nada afetuoso: Gorda, sempre dito com ar de escárnio.

As filhas não concordam com o plano do pai de tornar a casa em um bordel e, assim, que ele se torne o cafetão de todas ali. No começo, elas concordaram em se prostituir pela promessa de uma mudança na vida familiar, e não para o lucro do pai; logo, todas as mulheres da casa se reúnem e matam Seu Noronha a facadas. Mais uma vez, Nelson revisita Freud, quando nos mostra a reunião dos mais fracos contra o indivíduo que representa as doutrinas que os reprimem. Assim, se as filhas vão continuar se prostituindo ou se tentarem arrumar um homem para casar, não importa. Ao matar o pai, elas podem se sentir livres para seguir suas vidas.

Para finalizar o primeiro capítulo desta dissertação, é importante que mencionemos que o casamento, para Nelson Rodrigues, é uma união disforme, feita por homens e mulheres que se reprimiram, na maior parte das suas vidas, pela promessa de que realizariam todos seus desejos com os parceiros escolhidos. Porém, quando se casam, o diálogo desaparece, as discussões tornam-se frequentes, sempre magoando e ridicularizando o outro, culpando-o por sua infelicidade e impotência diante daquela situação.

Vale dizer que, nessa concepção, o casamento é diferente para homens e mulheres: para os homens, é um negócio; portanto, é preciso uma mulher adequada para que essa união tenha estabilidade, não importando se ambos se desejam. Percebemos, com os homens apresentados ao longo deste capítulo, que todos eles acreditam que existe uma separação muito grande da mulher “para casar” e daquela que não o é. Mesmo que Herculano, por exemplo, tenha se casado com uma prostituta, suas tias inventam um passado para mulher, no qual ela possui uma família e que se conservou virgem até o casamento. Esse discurso não tem a intenção de convencer os outros, mas, sim, elas mesmas.

Já no início da vida, o menino em nossa sociedade vai aprendendo a engolir, a sufocar e a não expor seus sentimentos. Isto aos poucos, sem nos darmos conta, leva este pequeno homem a abandonar a si mesmo;

deste abandono de si nasce a busca do estereótipo de macho traçado pela sociedade, que num segundo momento leva-o a acreditar que quando adulto resgatará o paraíso perdido. [...] ocupados neste ceifar de mentiras e verdades, não direcionam seus olhares para outra coisa enquanto não descobrem o lampejo que sabem ter guardado.<sup>45</sup>

Para esses homens, só existem dois tipos de mulheres: santas ou putas. Aí está explícito o bloqueio de conhecer o outro que tanto estamos falando, de modo que a formação religiosa só contribui para a falta de diálogo. Se as mulheres expressam seus desejos e querem realizá-los, são putas; mas eles as veem como objeto sexual – elas não são para casar, constituir uma família. Assim, o desejo está na equação, e um casamento precisa ser estável. Podemos observar que a maioria dos personagens encara o casamento como algo “mecânico”: casam, têm filhos, constituem uma família e pronto! Trabalho feito com sucesso.

Além de exemplificar a visão de que Nelson Rodrigues tem sobre o casamento e como homens e mulheres se comportam, percebemos que já é mais que consolidado o fato de o dramaturgo enxergar as mulheres como pura representação do desejo. Desse modo, tudo indica que seria papel do homem ser o exemplo de razão. Mas o dramaturgo coloca o dedo na ferida e mostra que o homem está perdido em conflitos consigo mesmo. O patriarca, o pai, está dilacerado.

Ao nos debruçarmos sobre o romance, no capítulo seguinte, mostraremos como é desnorteante quando o pai perde as rédeas da família. Em outro momento deste trabalho, discutiremos a fundo como o pai vai perdendo seu controle sob os outros membros da família. Em contrapartida, a família, enquanto célula social, vai-se modificando e ganhando novos lugares.

---

<sup>45</sup> SALOMÃO, Irã. **Nelson, feminino e masculino**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 158.

## **CAPÍTULO II**

***O CASAMENTO DE NELSON***  
**RODRIGUES: “NÃO SE ADIA, MUITO  
MENOS SE DESMANCHA”**



Como vimos no capítulo anterior, Nelson Rodrigues é reconhecido por sua trajetória nos mais diversos jornais cariocas e, posteriormente, no teatro nacional. No entanto, na década de 1960, um outro caminho foi aberto: o da televisão. O primeiro convite veio de Walter Clark<sup>46</sup> na TV Rio, a fim de escrever a primeira novela produzida no Brasil: a *Morta sem Espelho*, foi exibida às oito horas da noite, cujo elenco era composto, dentre outros, por Fernanda Montenegro, Fernando Tôrres e Ítalo Rossi, sob a direção de Sérgio Britto e com música de abertura de Vinicius de Moraes. Era um grande investimento para a época.

A novela enfrentou vários problemas, como a censura. O juizado de menores, à época, determinou que a novela trocasse de horário – para as onze da noite –, o que dificultou bastante para a produção televisiva, pois não era costume um canal de televisão, principalmente local, exibir conteúdo depois das dez horas da noite. E isso implicava outro problema: o público não estava acostumado a assistir televisão nesse horário. Mesmo enfrentando todas essas adversidades, a novela contou com uma audiência significativa. Isso resultou, logo em seguida, em uma segunda novela sob a autoria de Nelson. Dessa vez, porém, a produção já sabia como driblar a censura:

Qualquer novela assinada por Nelson faria com que os censores se sentissem de sapatilhas sobre as brasas. Assim, na sua novela seguinte, “Sonho de amor”, de 1964, o nome de Nelson apareceu, mas ela foi anunciada como “uma adaptação de ‘O tronco de ipê’, de José de Alencar.

Os militares estavam agora no poder, o marechal Humberto de Alencar Castello Branco tornara-se presidente e seus biógrafos já tinham conseguido descobrir-lhe um remoto parentesco com José de Alencar. Talvez por isso, “Sonho de Amor” tenha ido placidamente ao ar naqueles meses de abril de 1964.<sup>47</sup>

Em virtude desse “truque”, Nelson ainda teve uma terceira novela exibida na TV Rio, “*O desconhecido*”, que tinha como direção Fernando Tôrres e, no elenco, contava com Nathalia Timberg, Jece Valadão, Carlos Alberto, Joana Fomm, Vera Viana, Aldo de Maio e Germano Filho.

---

<sup>46</sup> Foi um dos primeiros diretores executivos da TV Globo; porém, começou sua carreira na extinta TV Rio.

<sup>47</sup> CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 342.

Quando Walter Clark foi contratado pela TV Globo, que, na época, estava começando, levou consigo Nelson Rodrigues, mas, desta vez, não para alguma novela, e, sim, para um programa de variedades, no qual Nelson comentava alguns assuntos específicos, muitos deles contidos em suas crônicas, que eram publicadas no jornal *O Globo*, e entrevistava personalidades da época. O programa chamava-se *A Cabra vadia*:

Nelson era uma das atrações da Globo. Seu quadro “A Cabra Vadia”, que ia ao ar como uma seção do programa “Noite de gala”, às segundas-feiras, era hilariante. A cabra vadia começara como um personagem em prosa, em sua coluna no jornal, “À sombra das chuteiras imortais”. Nelson usara a cabra como testemunha muda de suas entrevistas imaginárias com personalidades várias, realizadas num terreno baldio também imaginário. A suposição era a de que há certas coisas que só se confessam num terreno baldio.<sup>48</sup>

O maior trunfo do programa era poder explorar a faceta polêmica que Nelson Rodrigues tinha adquirido por meio de suas crônicas jornalísticas. Assim, o programa televisivo era vendido como o espaço em que as verdades eram reveladas sem nenhum rodeio, de modo que Nelson procurava arrancar as confissões de seus entrevistados. O cenário era bem condizentes a temática, pois passava-se em uma espécie de terreno baldio e, em vez de plateia, havia uma cabra que pastava ao fundo —a única testemunha do que era dito no programa. Com essa proposta, Nelson tecia comentários de cunho político, criticando abertamente os segmentos da sociedade que se colocavam contra a ditadura militar, os ditos comunistas. Para Nelson, jovens que idolatravam a figura de Che Guevara e faziam de suas palavras um ideal de luta eram completamente alienados do processo político. Os padres que pertenciam ao segmento da Igreja Católica chamado Teologia da Libertação eram duramente criticados por abrirem o espaço das igrejas a movimentos sociais, o que, segundo Nelson, não estava ligado ao Cristianismo.

De acordo com Ruy Castro, o programa era vendido como se fizesse parte do ramo do humor, e muitas dessas críticas eram entrecortadas com algum tipo de piada despreziosa. Porém, isso não anula o fato de que Nelson Rodrigues praticamente denunciava quem achava que era comunista em uma rede de TV que estava ganhando espaço fora do Rio de Janeiro.

---

<sup>48</sup> CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 345.

Em meio a essa participação na televisão brasileira, Nelson foi chamado para conversar com Carlos Lacerda, que tinha como proposta publicar um romance inédito do dramaturgo para estreiar sua nova editora, a *Nova Fronteira*. Para muitos, o convite foi uma surpresa, afinal Nelson e Lacerda já tinham um histórico de brigas pelos jornais cariocas. No entanto, segundo Castro, “fazia muito tempo que Nelson e Lacerda estavam reconciliados. Desde 1961, quando Lacerda se elegera governador do novo estado da Guanabara e, num gesto de quem estende a mão, convidara-o a visitá-lo em palácio.”<sup>49</sup>

Nelson Rodrigues, então, aceitou a proposta e escreveu o romance em dois meses. Quando Lacerda o leu, ficou horrorizado, pois não concordava com a maioria das situações descritas no romance. Para Lacerda, o conteúdo polêmico do livro poderia ser uma escolha arriscada para o lançamento da editora e, com medo dos possíveis problemas que poderia enfrentar, decidiu não arriscar. Mas, para não ser “mal-educado” e recusar por completo o texto de Nelson, mandou-o para Alfredo Machado, editor-chefe da editora *Eldorado*:

Ofereceu-o a Alfredo Machado, que aceitou na hora para sua editora Eldorado. E então armaram um esquema pelo qual uma cópia cairia “acidentalmente” nas mãos de Machado. Este diria: “Quem vai editar ‘O Casamento’ sou eu!”, pagaria os dois milhões de cruzeiros a Lacerda e ficaria com o livro. E Nelson acreditaria porque, se houvesse uma coisa que ele sabia que não adiantava, era discutir com Alfredo Machado.<sup>50</sup>

O romance foi publicado no ano de 1966 e rapidamente se tornou um dos livros mais vendidos daquela época, empatando com *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado. Passado um mês da publicação, a censura proibiu o livro sob os seguintes argumentos:

Considerando que a desmoralização do casamento importa, sem sombra de dúvida, a da família e, em consequência, a subversão de nosso sistema de vida cristão e democrático;

Considerando que a liberdade de manifestação do pensamento não importa permitir a licenciosidade, máxime quando atinge a instituição do casamento;

Considerando, por fim, que o livro ‘O Casamento’, de autoria de Nelson Rodrigues, pela torpeza das cenas descritas e linguagem indecorosa em

<sup>49</sup> CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 350.

<sup>50</sup> IBID, p. 350.

que estava vazado, atenta a organização da família, impondo-se, por esse motivo, medidas que impeçam a sua divulgação, resolve:

- Declarar proibidas a edição, distribuição e venda, em todo território nacional, do livro 'O Casamento', de autoria de Nelson Rodrigues.
- Determinar ao DFSP (Departamento Federal de Segurança Pública) as providências necessárias à apreensão.<sup>51</sup>

Quando soube que o livro havia sido censurado e retirado das bancas, Nelson Rodrigues escreveu uma crônica sobre o assunto na sua coluna *À sombra das chuteiras imortais*, publicada pelo jornal *O Globo*:

Imaginem que eu estava em casa, quando bate o telefone. Era um repórter berrando: – “Teu livro foi cassado! Teu livro foi cassado! ”. Como no soneto bilaquiano, eu fiquei pálido de espanto. O outro foi despejando mais informações: – “Portaria do Ministério da Justiça proibindo a venda de *O Casamento* em todo o Brasil! ”. Por um momento, eu não soube o que pensar, nem soube o que dizer.

[...]

O texto do Ministério, é, acima de tudo, burríssimo. Diz que o livro é contra a instituição do casamento. É falso. Podia sê-lo, e daí? Qualquer um pode discutir o matrimônio, o celibatário, o adultério, a castidade e a viuvez. Acontece, porém, que o meu romance é anterior ao casamento. A mocinha se casa no último capítulo. E se casa de véu, grinalda, no civil e religioso. O casamento termina com os noivos na sacristia recebendo os cumprimentos. *Sim* antes dos salgadinhos e do guaraná.

Vejam bem: eu me dou o direito de ser contra quaisquer usos, costumes, instituições, ideias, cultos. Penso como quero e não admito, nem aceito, que me ponham limites nos meus pontos de vista. Mas insisto: não há, mas minhas trezentas páginas, uma única e vaga objeção ao matrimônio. Um dos personagens chega a dizer, de frente erguida: – “Um casamento não se adia”. Nem se adia, vejam bem, nem se adia.<sup>52</sup>

O livro só foi liberado um ano depois da sua proibição e continuou sendo um sucesso de vendas durante um curto período de tempo. Mas o que nos chama a atenção é a maneira como Nelson Rodrigues defende o casamento dentro do seu romance. Na sua percepção, não é necessário escrever um livro enaltecendo a família burguesa ou o casamento para demonstrar que se é favor da “instituição do casamento”. Nelson acredita exatamente no contrário: a única salvação dessa família, que tem suas bases tão frágeis,

<sup>51</sup> CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pag. 350/351

<sup>52</sup> RODRIGUES, Nelson. *O Casamento*. São Paulo: Record. 1989. p. 258-259. (Coleção os grandes mestres da literatura brasileira e portuguesa).

é o casamento, pois é o único elemento que consegue dar esperanças a essa família. Para o autor, o casamento está acima de todas essas fragilidades, e isso porque o autor acredita na sacralidade do casamento e confia nela como único recurso para estabilizar os conflitos que a família tem enfrentado. E essa percepção, de como o casamento é importante para a família e, em muitos momentos, é o que a salva de si mesma, é o que foi discutido, de forma geral, no primeiro capítulo desta dissertação e é o que vamos discutir neste capítulo, com ênfase no romance.

Mesmo com a proibição do livro, o fato foi que o sucesso da obra teve muita ligação com as colunas de Nelson Rodrigues nos jornais de grande circulação; se suas peças tinham a especificidade da linguagem direta, próxima do popular, o romance não seria novidade. Além disso, o tom jornalístico na literatura não era algo novo. Assim, o romance não fugia dos temas que Rodrigues havia retratado tanto em suas crônicas como em suas peças:

Todos sabem – para dar mais um exemplo – a influência decisiva do jornal sobre a literatura, criando gêneros novos, como a chamada crônica ou modificando outros já existentes como o romance [...] É o clássico “romance de folhetim”, com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões, para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves.<sup>53</sup>

O tom do folhetim e do melodrama sempre foi presente em seus textos, e o que mais chamou a atenção dos críticos foi esse texto direto, com diálogos curtos e ríspidos.

Ora, estas virtudes encontravam-se à sua disposição em modelos conhecidos de há muito e que o século XIX explorara à perfeição: o folhetim e o melodrama. Não que ele por deliberação consciente se tivesse proposto a cultivá-los. Ambos lhe eram inerentes. Em ambos foi desde logo um mestre. Não importa como os tenha lavrado ou temperado.

O melodrama, a máquina dos clichês e dos golpes teatrais, das peripécias e inversões da sorte, das tintas do destino e das fatalidades do acaso, proporcionaram-lhe a imediatez das oposições violentamente contrastantes e insensatamente surpreendentes. Nele, o dramático corre sobre trilhos ou, melhor se diria hoje, tem impulso de foguete. Daí a sua extraordinária fortuna “estética” (e não apenas pública) no teatro moderno. Porém, nas mãos de Nelson Rodrigues, ele se tornou a forma

---

<sup>53</sup> CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1985. p. 33.

de moldar no banal, no rotineiro, a exemplaridade trágica da existência humana.<sup>54</sup>

Contando com melodrama e o tom folhetinesco, *O Casamento* é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente. O interessante é que o narrador, muitas vezes, brinca com o leitor, jogando muitas informações para que este faça conclusões por si só.

O narrador onisciente de *O casamento* faz-se presente em todo o texto – apesar de simular objetividade, escondendo-se na “terceira pessoa” – e se intromete arbitrariamente na narrativa, principalmente por meio do uso de parêntese ou da presença dos dêiticos, como nesse exemplo: “graças a Deus, Sabino não estava, que sorte. Eudóxia apanhou não sei o que debaixo de um móvel”. Note-se que esse “não sei o que” denuncia a presença do narrador e desmente, ironicamente, sua suposta onisciência.<sup>55</sup>

Não podemos nos esquecer de que o dramaturgo se apropria muito das ações do cotidiano como pano de fundo de suas histórias; mas isso não significa que o texto perde qualidade ou coisa parecida, afinal:

O próprio cotidiano, quando se torna tema da ficção, adquire outra relevância e condensa-se na situação-limite do tédio, da angústia e da náusea.

Todavia, o que mais importa é que não só contemplamos estes destinos e conflitos à distância. Graças à seleção dos aspectos esquemáticos preparados e ao “potencial” das zonas indeterminadas, as personagens atingem a uma validade universal que em nada diminui a sua concreção individual; e mercê dêsse fato liga-se, na experiência estética, à contemplação, à intensa participação emocional.<sup>56</sup>

Outro recurso que já foi muito utilizado por Nelson em suas peças e que, de certo modo, é uma marca de seus textos teatrais é o *flashback*. Esse recurso é utilizado para que o leitor tenha acesso a alguns fatos passados dos personagens, que ajudam na compreensão de seus perfis.

O autor indica ao leitor como escreve o romance, pois a sucessão e a superposição dos flashbacks são a base da estrutura de *O Casamento*, determinando o ritmo narrativo do romance e permitindo que as cenas

<sup>54</sup> GUINSBURG, J. Nelson Rodrigues, um folhetim de melodramas. **Revista de Literatura Brasileira**, Florianópolis, n. 28, p. 9, 1994.

<sup>55</sup> DUMOND, Eugênio. O jogo irônico no romance *O Casamento*, de Nelson Rodrigues. **Revista do CESP**, São Paulo, v. 24, n. 33, p. 325, 2004.

<sup>56</sup> IBID, p. 326.

do passado das personagens “expliquem” o universo diegético. Assim, descrevendo o fluxo de consciência de Sabino como uma revisão de “todo o seu passado”, o narrador/autor dá uma de suas piscadelas e se comunica com o leitor atento, indicando como é que ele está narrando a sua história. Observe-se que esse procedimento possibilita ao leitor que ele se torne uma espécie de “cúmplice” do narrador, percebendo o exercício de linguagem constitutivo de leitura.<sup>57</sup>

O romance começa apresentando Sabino Uchoa Maranhão, que ouviu na rua a seguinte frase: “*todo canalha é magro*”. Ora, Sabino era magro e sentia até orgulho de sua magreza; mas isso o tornava um canalha? A única promessa que Sabino fez em vida foi a seu pai no leito de morte: seria um homem de bem.

Meia hora antes de morrer, já com a dispneia pré-agônica, o velho agarrara a sua mão. Disse e repetiu:

– Homem de bem. Homem de bem.

A mãe cutucara o filho:

- É contigo, é contigo.

Era sim, com Sabino. O pai queria que ele fosse um homem de bem. E, desde então, a vontade do defunto o acompanhava por toda parte.<sup>58</sup>

E por “homem de bem”, Sabino entendeu que deveria ter um bom emprego, se casar com uma moça boa e constituir uma família. E foi esse seu objetivo de vida, montou sua própria imobiliária, realizou um bom casamento e teve filhos.

A imobiliária ia bem, muito bem mesmo. Ainda na véspera, fechara um grande negócio: uma incorporação na Rua Bolívar. Hoje com cinquenta anos feito, está casado (bem casado). Tem quatro filhas, e nem um único e escasso filho. Por que só meninas? Eis uma pergunta que Sabino fazia, sem lhe achar resposta.<sup>59</sup>

Entretanto, ao pensar a referida frase (a que diz que “*todo canalha é magro*”, Sabino põe em dúvida a sua trajetória de vida. Será que tudo foi feito em vão? Por mais que suas atitudes tenham se voltado para que se tornasse um homem de bem, sua

---

<sup>57</sup> DUMOND, Eugênio. O jogo irônico no romance *O Casamento*, de Nelson Rodrigues. **Revista do CESP**, São Paulo, v. 24, n. 33, p. 328, 2004.

<sup>58</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 7.

<sup>59</sup> IBID. p. 9.

aparência era a de um canalha? A primeira coisa que passa por sua cabeça é a imagem do pai no leito de morte e a promessa que fizera.

Além disso, Sabino reflete sobre seu casamento: casara-se com uma mulher boa e atenciosa, mas por quem não nutria nenhum amor:

Aos vinte anos, casou-se com Maria Eudóxia, dois mais moça. Tempos depois, numa briga com a mulher, esta fez, chorando, a pergunta:

- Casou-se comigo por quê?

Não teve coragem de dizer a verdade. Desviou o olhar:

- Ora, por quê? Gostei de você, claro!

Mas eis a verdade inconfessa: casara-se porque era impotente com a prostituta.<sup>60</sup>

Filho único, cresceu vendo que seus pais não trocavam nenhum carinho. Certa vez, ouviu um desabafo da sua mãe, confessando que, depois que teve o filho, o marido não a procurou mais à noite e decidiu dormir em quarto separado. De acordo com o que o romance nos mostra, o casamento de Sabino com Eudóxia não é “de aparência” nem que Sabino teve a mesma postura do pai em relação à mulher.

Sabino tem o mesmo perfil dos homens que apresentamos anteriormente; portanto, a visão que possui do casamento é conservadora. Em vários momentos, Sabino corrige a mulher sobre a postura “livre” que tem em alguns aspectos, tais como o de possuir um vocabulário “chulo”. Ao contrário de algumas personagens mulheres que acompanhamos no capítulo anterior, Eudóxia tem uma maior liberdade com o marido, tanto que, em alguns momentos, debocha da visão que o marido tem de certas coisas:

Ele sempre fez o ato amoroso sem palavras. Com a mulher e as outras, sem palavras. Na cama conjugal, quando Eudóxia queria falar, interrompia:

– Cala a boca! Cala a boca!

Esse prazer mudo assustava a mulher. Eudóxia queria saber por quê:

– Eu nunca sei quando você goza.

Pulou:

– Como é ordinário dizer “goza”! Quem fala assim é vagabunda! Certas expressões a mulher de classe não usa. Pois é: não usa!

Riu do marido:

---

<sup>60</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 7.



– Você precisa perder essa mania de achar que mulher é o quê? E te digo mais: você precisava ouvir uma conversa de mulher. Sai cada uma! A Angelina, a mulher do teu amigo, o Caqueja. Direitíssima, católica, etc. Outro dia, ela dizia pra gente: seis médicos já viram minha chochota. E não comunga, não confessa?

Sabino, atônito, não sabia o que dizer, o que pensar. Que mulher incompreensiva, burra, burra mesmo, burra. Não entendia nada de nada. Na mesa com visitas, dizia “cocô”, com a maior naturalidade e, até, com certa graça. A palavra que mais deprimia Sabino era cocô. Fezes, fezes e não cocô.<sup>61</sup>

A cerimônia que dá nome ao livro é de Glorinha, caçula de Sabino. A história acontece um dia antes desse casamento. Para a família Uchoa, de maneira geral, esse é um grande evento, pois envolve bastante visibilidade social. Com o casamento realizado, Sabino coloca fim ao seu objetivo: constituiu uma família e casou todas as suas filhas com homens influentes do Rio de Janeiro. Entretanto, esse casamento, em específico, o deixa com a sensação de que representa a morte da filha, já que o fato de a filha pertencer a outro homem depois do casamento é como se fosse uma morte:

A mulher que se casa não é a mesma. No dia seguinte, Glorinha não seria a mesma da véspera. Ela mesmo viera da casa, no táxi, espiando para tudo com o espanto de um último olhar. Sim, como se fosse morrer. Abraçado à filha, fecha os olhos para saturar-se do seu perfume.<sup>62</sup>

O pai tem esse sentimento porque nutre pela filha um desejo bem forte, que não sabe explicar ao certo o que significa – só sabe que é um sentimento que foge da descrição de amor paterno. Muitas vezes, confrontado pela esposa, Sabino nega a existência desse sentimento e sente-se culpado:

Diziam que Glorinha tinha os olhos do pai. E não era segredo para ninguém que ele preferia a caçula. Mas Sabino negava de pés juntos. Que o que, absolutamente! Tinha discussões horríveis com a mulher, com as tias. Certa vez, perdera a cabeça:

– É o cúmulo! O cúmulo! Vocês estão querendo criar complexo nas outras? Isso é uma maldade!

Excitado, com um sentimento de culpa que o dilacerava, repetia:

– Em absoluto! Gosto de todas igualmente! A mesma coisa!

Eudóxia não tinha pena:

<sup>61</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 71.

<sup>62</sup> IBID, p. 36.

– Conversa, conversa! Eu te conheço! Gosta mais de Glorinha!<sup>63</sup>

Um dia antes da cerimônia, Dr. Camarinha, o médico da família, conta para Sabino que seu futuro genro foi pego pelo médico da família beijando seu assistente:

E na véspera, o Dr. Camarinha entrara, de repente, e vira “o beijo”. Olhou, como se não entendesse. Os dois se separaram, assombrados.

O Dr. Camarinha ainda perguntou:

– Mas o que é isso aqui?

Zé Honório baixa a cabeça:

– Perdão, perdão.

O médico deixa passar um momento. Falou, primeiro, para Zé Honório:

– Você era como se fosse meu filho. Mas agora acabou. Suma da minha presença e nunca mais, ouviu? Nunca mais!

José Honório tira o avental. Chora. Apanha o paletó e sai, sem olhar para ninguém. Teófilo tira um cigarro, que não acende. E, então, o Dr. Camarinha vira-se para ele. Teófilo espera, de frente alta, sem medo. O médico sente que, apesar de tudo, há uma troça cruel na cara do rapaz.

O Dr. Camarinha começa:

– O que é que o “senhor” tem a dizer?

[...]

– Isto que o senhor viu não aconteceu nunca na minha vida. Foi a primeira vez e será a última. Lhe peço que o senhor acredite. Sou normal – e repetiu sem desfitá-lo – sexualmente normal.

O Dr. Camarinha tem entre os dedos a piteira sem cigarro:

– A mim, você não engana. Eu vi. Aceito todos os defeitos, menos esse. E o homem que deseja outro homem, e que, por desejo, beija outro homem, pra mim não é nem gente. Rapaz, você vai sair agora do meu consultório e nunca mais fale comigo.

Teófilo chegou a dar dois, três passos. Volta:

– Bem. Quero que fique bem claro o seguinte: não houve nada entre mim e esse rapaz. Nada de extraordinário; eu apenas o abracei. Foi apenas um abraço. Ele faz anos, hoje. É meu amigo e eu o abracei.<sup>64</sup>

O beijo de Teófilo e Zé Honório faz-nos lembrar do beijo de Arandir em *Beijo no Asfalto*<sup>65</sup> (1961). Na peça, o beijo também ocorre entre dois homens, mas representa a

<sup>63</sup> RODRIGUES, Nelson. *O Casamento*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 16.

<sup>64</sup> IBID. p. 25.

<sup>65</sup> A peça *Beijo no Asfalto* narra a história de Arandir, que dá um beijo num rapaz desconhecido que acabou de ser atropelado no meio da rua. A história vai ganhando a boca do povo, até que chega à primeira página do jornal, de modo que Arandir tem problemas com sua família por causa do beijo.

morte, pois Arandir concede o beijo como último pedido de um homem quase morto no chão. No romance, o beijo acontece para celebrar o aniversário de Zé Honório – em ambas as narrativas, os homens são flagrados se beijando e, por isso, julgados negativamente pelos expectadores; na peça, Arandir jura que foi um ato solidário com o morto e se mostra arrependido de tal ato. Já no romance, nem Teófilo nem Zé Honório se justificam sobre o beijo e não se mostraram arrependidos. Outro dado importante é que, tanto na peça quanto no romance, o teor moralista é mais forte que o próprio beijo em si, ou seja, o beijo é o desenrolar das tramas nas duas narrativas.

Ao ouvir a revelação de Dr. Camarinha, Sabino não se espanta – esperava, talvez, uma gravidez de Glorinha. No fundo, sente-se impotente diante da situação, pois não há como voltar atrás com o casamento, tendo em vista que todos os jornais cariocas já o haviam noticiado; ministros estavam na lista de convidados e ele até havia mandado fazer um terno novo, sob medida. Sabino tenta convencer o médico de que aquilo deveria ser um engano e que Dr. Camarinha deveria ter interpretado errado; o fato é que Sabino não tinha desculpas ou explicações contundentes para o beijo do futuro genro nem para o fato de não cogitar o fim do casamento.

– Mas calma, calma. Nada de precipitações.

– Quem é que está se precipitando?

Pigarreia:

– Você não me entendeu. É o seguinte: o rapaz nega. Diz que não beijou, que não houve beijo. Que foi um abraço de aniversário.

Estupefato, pergunta:

– Você está insinuando o quê? Que eu estou mentindo? Que sou alguma criança? Sabino, eu não sou nenhum débil mental! Você acha que eu, se tivesse alguma dúvida, viria aqui? Está me achando com cara de quê?

Pôs as mãos na cabeça:

– Pelo amor de Deus! Eu não quis insinuar nada! – Exalta-se, por sua vez: – Camarinha, é o casamento da minha filha. Vamos usar a cabeça. Não sei nem quem é o ativo, quem é o passivo.

– Isso não existe. É uma nuança cretina. Interessa saber quem vai por baixo, ou por cima, ou fica de quatro? Você está louco? Basta que o sujeito deseje outro homem, e beije na boca de outro homem.

Está quase chorando:

– Você tem razão. É isso mesmo. O que é que eu faço? Estou desesperado. O que é que eu faço?

Mas Sabino não estava desesperado. Estaria desesperado com uma gravidez, um aborto. E ele próprio se espanta com o desespero que não vem.<sup>66</sup>

A tentativa de contornar a situação não deu certo: Dr. Camarinha saiu do escritório deixando claro que não concordava com a atitude de Sabino de fingir que nada havia acontecido. Sabino teve a sensação de que o médico estava muito estranho e que não o reconhecia mais; essa sensação se transforma em raiva, a ponto de cogitar que Dr. Camarinha só havia feito essa confissão porque tinha inveja dele.

É verdade que Dr. Camarinha andava meio estranho, uma vez que seu único filho, Antônio Carlos, havia morrido em um acidente de carro alguns dias atrás. Por mais que a relação com o filho fosse conflituosa, porque o pai não aceitava muito bem o seu estilo de vida. Um dia antes do acidente, pai e filho brigaram feio porque Antônio Carlos havia se demitido de outro emprego e, quando perguntado pelo pai o que esperava do futuro sem emprego e sem renda, respondeu que não se importava com essas coisas, de modo que o importante para ele era viver a vida. Dr. Camarinha ficou tão nervoso que agrediu o filho, e a mãe teve de intervir. Quando soube do acidente, o pai sentiu-se culpado pelo seu comportamento.

O desespero, de fato, só foi sentido por Sabino quando Glorinha apareceu em seu escritório, dizendo que precisava conversar urgentemente com Dr. Camarinha. Sabino, então, é tomado pelo medo de o médico contar tudo para a filha e ela acabar desistindo de se casar.

Sem saber como agir, Sabino chega a cogitar a ideia de contar para a esposa sobre a conversa que tivera com o médico, mas acaba chegando à conclusão de que a mulher não receberia bem a notícia e que a chance de um escândalo seria grande. Diante desse problema, resolveu ter uma conversa com o monsenhor, o único, em sua opinião, que poderia dar um conselho sensato.

Durante o caminho até a igreja, Sabino vai pensando em como contar ao religioso o beijo do futuro genro; ao chegar à capela, o padre está atendendo um outro casal de

---

<sup>66</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 26.

noivos, que pensa em desistir do casamento. O padre diz a Sabino que acha essa atitude um absurdo; segundo ele, nenhum motivo é digno para adiar um casamento.

Monsenhor está com vontade de fumar outro cigarro:

– Dizem que eu tenho ideias malucas. Mas por exemplo: o casamento. Eu ponho o casamento acima de tudo. Essa gente está pensando o quê? O importante no casamento não é a noiva ou o noivo. É o próprio casamento. O ato sexual, o que é o ato sexual?

[...]

– O casamento é toda uma estrutura, toda uma construção, toda uma...

Abriu o gesto, como quem desenha uma curva e como se o casamento fosse esta curva.<sup>67</sup>

A fala do monsenhor é o exemplo do que falamos anteriormente, ou seja, de como Nelson Rodrigues enxerga o casamento. Aqui, fica claro que essa é melhor forma que o autor encontrou de dizer para o leitor que o casamento é importante para a estrutura familiar.

Os noivos, que estão pensando em cancelar o casamento, são taxados, pelo monsenhor, como bobos por não conseguirem enxergar a complexidade do casamento e acharem que este seria apenas uma cerimônia feita na Igreja. O monsenhor diz com tanta veemência que casamento não se adia, que Sabino acaba não contando sobre o incidente do genro, concluindo que, realmente, um casamento não deve ser adiado – nenhum motivo seria suficiente para cancelá-lo.

Sabino e o monsenhor continuaram conversando, até que o monsenhor declara que o ato sexual seria como “uma mijada”, pois o “alívio seria o mesmo”. Sabino espanta-se com a declaração do padre. Primeiro, porque acha que, como religioso, o padre deveria praticar abstinência de palavras de baixo escalão com os fiéis. Segundo, porque começa a pensar na secretária Noêmia e a imaginá-la sem roupa, o que causa um arrepio pelo corpo todo. De súbito, Sabino é tomado por uma vontade de ir ao banheiro. Como fica com vergonha de perguntar ao monsenhor se poderia usar o banheiro da sacristia, despede-se rapidamente e pede para o motorista parar no primeiro bar que encontrar.

Notamos, então, que a frase dita pelo monsenhor causou efeitos em Sabino. Por quê? A frase brinca com o instinto humano: o sexo está ligado ao nosso lado mais animal,

---

<sup>67</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 53.

como uma reação aos nossos instintos; em outras palavras, para o padre, tanto o sexo como o ato de urinar têm a mesma mecânica dentro do homem. Essa comparação tem a finalidade de mostrar que nenhum desses atos depende de racionalização humana – é só uma questão de sentir e, por isso, raramente, conseguimos freá-los. Se formos continuar com essa análise, podemos nos lembrar do que discutimos no primeiro capítulo: quando Freud diz que o processo civilizatório tem como característica afastar o homem de qualquer traço animal. Pois bem, a frase do monsenhor é o oposto dessa análise de Freud. Assim, sabendo que Nelson Rodrigues tem um diálogo com as teses do autor, podemos afirmar que essa contradição é proposital, pois deixa claro que Nelson Rodrigues não acredita que o processo civilizatório tenha conseguido anular nossos instintos; isso porque o homem ainda vive em conflito com seus próprios instintos e, muitas vezes, perde essa batalha, cedendo aos seus desejos mais profundos.

A sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo Eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado. O carácter irresistível dos impulsos perversos, talvez o fascínio mesmo do que é proibido, tem aqui explicação econômica.<sup>68</sup>

As sensações que Sabino provou depois dessa conversa são o ápice dessa sensação de descontrole, em que se acredita que é possível realizar qualquer vontade, condizente com o que acabamos de refletir:

Invade o corredor. Entra no cubículo. Encosta-se à parede e quase arranca os botões. Está de olhos fechados, lábios entreabertos, como se rezasse. O que começa a sentir é uma alegria desesperadora. Revê, todo seu passado. Ele, menino, a morte do pai, o banho das irmãs pequeninas, sua noite de núpcias, o nascimento das filhas, a fraldinha de Glorinha. Não tinha a torrente absurda dos jumentos e do monsenhor. E agora dava razão ao padre. Certos órgãos, certas funções. Também ele, ao acabar, teve essa brusca nostalgia que há no fim do ato sexual. Abotoando-se, ainda sonhava com bosta de cavalo, de vaca.

Mas, quando saiu, estava certo de que só um louco falava como o monsenhor. Ouvia sua voz de baixo cantante: “O ato sexual é uma mijada”. Parou junto ao telefone. Tinha que comprar a ficha. Deram-lhe uma ficha. Discou, um extremo cuidado para não errar o número. D. Noêmia atendeu:

[...]

---

<sup>68</sup> FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia. das letras, 2015. p. 23.

– Eu queria que a senhora, que você fosse a um lugar encontrar comigo. É um assunto pessoal. Meu anjo, quer tomar conta do endereço? <sup>69</sup>

A secretária mal acredita no pedido do patrão, ao chegar no lugar indicado, Sabino já avança para os beijos e pede para que tire toda a roupa, depois de mais alguns beijos, Sabino confessa:

Fala com a boca na sua orelha:

– Uma vez, quando eu era garoto, eu e um menino fomos tomar banho juntos. Banho de rio, no Trapinheiro. Eu tinha 12 anos e ele, 14. O menino era mais forte do que eu. Tiramos a roupa. E, então, ele me agarrou.

Pára, atônito, de prazer. Era uma volúpia como nunca sentira. Noêmia deixa passar um momento.

Pede, baixinho:

– Continua.

Sabino tem vontade de chorar:

– Não conto mais! Não conto mais!

Noêmia não diz nada. Ele repete, na sua obsessão, que “ninguém sabe, ninguém sabe”. Não reconhece a própria voz:

– Eu não deveria ter contato. Não sei o que deu em mim, não sei. <sup>70</sup>

A transa é conturbada – os dois estão imersos em seus próprios problemas. Noêmia pensa na sua solidão, no namoro com um homem casado e na sorte que teve em chamar a atenção do patrão e estar com ele ali; em outros momentos, compara a transa que está tendo com a que tem com o namorado. Já Sabino revive a sua experiência com o garoto do rio, dizendo que o menino deu uma bofetada e ele gostou. Ao gozarem, Noêmia quer gritar, mas, por ser uma casa alugada, não pode fazer nenhum barulho. Sabino começa a chorar e a chamar por Glorinha, ato que Noêmia não comenta. Passado o momento de satisfação, ambos voltam para a sua realidade, e Sabino corta qualquer intimidade que tenha dado a Noêmia.

O que fica claro nesse encontro é que, mesmo que tenham praticado um ato conjunto, não estavam na mesma sintonia, uma vez que a mulher enxerga Sabino e quer que ele se satisfaça na transa, mas Sabino não enxerga Noêmia – é como se ele quisesse

<sup>69</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 56.

<sup>70</sup> IBID. p. 72.

colocar para fora a volúpia que havia sentido na igreja; assim, pensou em uma mulher que pudesse utilizar, que não era o objeto de desejo, e, sim, uma receptora do seu desejo:

Senta-se na extremidade da cama. Com o travesseiro em cima do sexo, ela pergunta, meio em sonho:

– Você está desiludido?

De costas para ela, acendendo um outro cigarro, responde:

– Por obséquio, me chama de senhor.

Levanta-se:

– Bem. Quero que a senhora saiba o seguinte: aquilo que eu lhe disse, a história do tal garoto, não é verdade, não aconteceu. Eu inventei na hora. Foi uma fantasia erótica. – E repetiu, desesperado, a palavra: – Erótica.

Pergunta:

– O senhor tem medo que eu lhe vá difamar?

Que vontade de quebrar-lhe a cara.

– D. Noêmia, não se trata disso. Mesmo porque eu não tenho medo nenhum da senhora. Eu quero apenas esclarecer certos pontos. Não houve o tal garoto. E se a senhora não está convencida...

– Estou convencida, Dr. Sabino!<sup>71</sup>

Noêmia é uma personagem muito solitária, que perdeu a mãe de maneira repentina; sem ter para onde ir, foi procurar pelo irmão, mas acabou se desentendendo com a cunhada:

Gostaria de contar uma porção de coisas. Contar que, depois que a mãe morrera, não havia ninguém tão só. Tinha um irmão, comerciante em Nova Iguaçu. Mas a cunhada a expulsara de lá. E ainda lhe dissera: – “Vai dar a bunda, vai!”. Não tinha o que comer, o que vestir, nada. De noite, quando voltava para o quarto, começava a imaginar que até os edifícios a odiavam.<sup>72</sup>

Ela havia conhecido Xavier num encontro casual e, logo de primeira, o homem interessou-se por ela, mas já adiantou que era casado:

Xavier continua, trêmulo:

- Você é uma menina direita, séria, e eu quero que você saiba tudo.

Respirou fundo:

<sup>71</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966, p. 74.

<sup>72</sup> IBID, p. 61.



– Eu sou casado. Entende?

Silêncio. Xavier pergunta:

– Não diz nada?

Disse:

– O que é que você quer que eu diga?

Iam apanhar o ônibus. Ele, mais velho, mais gasto, mais tudo, continuou:

– Sou casado, mas é como se não fosse. Minha mulher não é mulher, já foi mulher, deixou de ser, entende?

– Já foi mulher? Como? Como?

Ficou de perfil, olhando para muito longe:

– Minha mulher tem aquela doença, aquela, não sabe? Aquela? É morfética.<sup>73</sup>

A doença a que Xavier se referia é a lepra. Por ser tão solitária, Noêmia aceita o primeiro convite de Xavier para se encontrarem em um hotel barato, o que se tornou uma rotina na vida de ambos. Em muitas ocasiões, Noêmia pensa que merecia coisa melhor do que aquele homem, já que, segundo ela, o suor dele era ácido demais e todos os seus ternos tinham aspecto de velho. Temos a impressão de que ela só está com ele para não ficar sozinha.

Voltemo-nos a Glorinha, que foi encontrar Dr. Camarinha para que o médico a examine e constate que ela não é mais virgem, a fim de poder dizer que foi seu filho quem a desvirginou:

Subitamente, fez a pergunta:

– Escuta. Por que é que você pediu para ser examinada? Você sabia que não era virgem. Por que pediu para ser examinada? Hem, por quê?

[...]

Numa curiosidade, que o humilha, torna a perguntar:

– Se não foi seu noivo, quem foi?

Tiritava como se o sol a gelasse:

– Seu filho.

Segurou-a pelo braço:

– Você quer dizer que meu filho? Meu filho deflorou você? Antônio Carlos?<sup>74</sup>

<sup>73</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 69.

<sup>74</sup> IBID, p. 90.

Por causa desta confissão, Dr. Camarinha conta o que sabe sobre o noivo:

– Olha aqui. Vou te falar uma coisa como se fosse minha filha. Presta atenção. Te chamei no meu escritório para te contar uma coisa que aconteceu. Na hora, me faltou coragem e eu não disse nada. Teu pai sabe, mas eu desconfio, sei lá, que ele vai cruzar os braços. Portanto, vou te contar tudo. É melhor

Tomou a respiração:

– Ontem, eu estava no meu consultório. E precisei apanhar não sei o que na sala de curativos. Entrei lá, de repente, e vi teu noivo, teu noivo Teófilo, beijando na boca o meu assistente. O meu assistente, aquele rapaz. Você conhece: o José Honório.

Repete:

– Beijando? Mas isso quer dizer o quê? Não estou entendendo.

– Minha filha, é claro. Quando dois homens se beijam na boca como se fosse mulher do outro, isso quer dizer o quê? Não há dúvida possível. Temos todo o direito de achar que são homossexuais.

Glorinha treme, novamente gelada de sol. Ele continua, arquejante:

– Eu sei que é duro dizer isso, na véspera do casamento. Mas, depois que eu soube que foi meu filho, entende? Então, resolvi te contar.

Ergue o rosto:

– O senhor está querendo que eu desmanche o casamento? É isso?

– Absolutamente. Não estou querendo nada. Ou por outra: quem tem que querer é você. Você. Ninguém mais, compreende? Se você quiser casar, casa, mas sabendo. Sabendo que seu marido pode desejar outro homem e que já beijou outro homem na boca. Uma coisa eu queria lhe dizer: não tenha medo de escândalo. Faça escândalo na igreja, no juiz, se for o caso.<sup>75</sup>

Glorinha tem a mesma reação do pai: não se espanta com a confissão. A curiosidade lançada ao leitor, então, é se ela sabia que o noivo tinha interesse por homens ou se ela não se importava. Glorinha sabe de suas responsabilidades, pois, a todo momento, conversa com a mãe sobre os presentes de casamento que estão chegando na sua casa. Um fato interessante é que, durante todo o romance, percebemos que ela não tem nenhuma cena com o noivo. Dessa maneira, não sabemos realmente qual o tipo de relação existente entre os dois.

Por meio de *flashbacks*, ficamos sabendo como Glorinha conheceu Antônio Carlos numa festa de família. O rapaz convida ela e a sua amiga, Maria Inês, para dar

<sup>75</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 94.

uma volta de carro no dia seguinte. No passeio de carro, Antônio Carlos leva-as na casa de Zé Honório para uma espécie de reunião de amigos.

Zé Honório é homossexual, e seu pai sempre foi radicalmente contra; por várias vezes, bateu no filho e, por isso, durante a maior parte da vida, Zé viveu sua sexualidade escondido da família. Depois que o pai ficou debilitado na cama, por causa de um derrame, Zé planejou sua vingança: mostraria para o pai sua verdadeira sexualidade – transaria com um homem em sua frente, sem que o pai pudesse fazer algo.

– Chegou a minha vez. Esperei quinze anos pra me vingar. E hoje, é o grande dia. A minha forra.

Glorinha levanta-se:

– O que é que vocês vão fazer?

Maria Inês puxa a amiga:

– Fica quieta!

Zé fala alto:

– Tomei todas as providências. Mande o enfermeiro assistir *My Fair Lady*. Três horas de projeção. A cozinheira foi para Caxias, a copeira pra Niterói. Quer dizer, o campo está livre. E até a meia-noite, o velho é meu.<sup>76</sup>

Em meio à vingança de Zé, Antônio Carlos insiste, grosseiramente, para que Glorinha e Maria Inês se beijem:

Antônio Carlos está desesperado:

Respira fundo e toam-se de uma euforia brutal:

– Agora vocês vão beijar na minha frente.

– Beijo de língua

As duas rolam, e lutam, e gemem, e choram. Há um momento em que Glorinha fica abandonada, quieta, perdida. Sente a boca ativa, devoradora, que sorve a sua língua. Então, numa frenética agilidade, passa para cima da outra, beijando e mordendo.

Maria Inês diz, boca a boca:

– Meu amor! Meu amorzinho!

Glorinha bebe a saliva da outra.

Antônio Carlos aqula Maria Inês:

– Dá-lhe na cara! Dá-lhe!

A menina ergue meio corpo, esbofeteia Glorinha. Depois, baixa a cabeça e a beija na boca. Glorinha foge com o rosto, soluça:

---

<sup>76</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 128.

– Me bate! Me bate!

Esbofeteia, de novo. Glorinha continua pedindo:

– Mais! Mais!<sup>77</sup>

Logo após a troca de carícias com Maria Inês, Glorinha vai atrás de Antônio Carlos e começa a beijá-lo, mesmo estando na frente de todos os convidados de Zé Honório. Ela não se intimida com a efervescência que os carinhos se dão, e os dois acabam transando ali mesmo:

Vira-se, delirante, para o rapaz. Pousa a cabeça no seu peito:

– Gostou? Gostou?

Vira a menina. Glorinha está perdida:

– Me xinga, diz palavrões! Meu amor ai, meu amor!

Ao lado, Zé Honório está mudo, numa espera triste. E, por um momento, diante do espelho, Maria Inês entretém-se em coçar a cabeça com o cabo do pente.

Glorinha morde até sangrar o ombro de Antônio Carlos. Querido, querido. Vê o rosto do pai, a boca do pai, os lábios finos e meigos, as mãos diáfanas de santo. O rapaz queima a sua pele com o sopro quente de animal, de cavalo, vaca. Glorinha está suando debaixo do seio direito. Cai entre os dois uma paz desesperadora.<sup>78</sup>

No meio de toda essa dança de corpos, Zé Honório começa a gritar e sai correndo pela casa. Seu pai acabara de falecer. Antônio Carlos, Glorinha e Maria Inês ficam assustados com a situação e vão embora o mais rápido possível.

Ao ser deixada em casa por Antônio Carlos, a preocupação da menina é ir ao banheiro e verificar a calcinha. Ela acha deprimente quando vê que não sangrou muito depois da primeira relação sexual, o que a deixa com pensamento de que não fora tão impactante como imaginava:

Nada mudara. Ela fora deflorada e não estava nervos, nem sentia medo, nenhum, nenhum. Um mulato bonito de escola de samba vira o seu defloramento. E, antes de ser deflorada, fora possuída por uma menina.<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 134.

<sup>78</sup> IBID, p. 139.

<sup>79</sup> IBID, p. 155.

Glorinha tem um perfil de moça mimada: sabe que é bonita e se aproveita da beleza para conquistar as coisas que quer. Quando volta para casa, age como se nada tivesse acontecido. Dr. Camarinha aparece no meio do jantar para avisar que o pai de Zé Honório tinha falecido, e a moça faz cara de surpresa.

Voltamos a acompanhar Sabino e seus conflitos internos. Depois de sair do encontro com Noêmia, Sabino sente-se culpado por suas últimas ações; assim, recorre ao Monsenhor Bernardo.

Mesmo que Sabino não diga por que se sente culpado, o tom da conversa dos dois é de confissão. Se, antes, fizemos uma digressão sobre a frase dita pelo monsenhor, neste diálogo, ele diz outra frase que complementa a sua análise sobre o homem, fazendo sentido o diálogo com os estudos de Freud:

Parou, ofegante. Monsenhor interessou-se:

– Está com o sentimento de culpa?

Disse, com euforia:

– Estou.

Monsenhor recostou-se na cadeira:

– Então, ótimo, ótimo. Sabino, só não estamos de quatro, urrando no bosque, porque o sentimento de culpa nos salva.<sup>80</sup>

Segundo Freud, a religião e a civilização freiam os impulsos dos homens por meio de doutrinas, regras e condutas. A maior consequência disso é a chamada punição. Segundo o autor, é impossível realizarmos todas as nossas vontades sem nos impor a nenhum castigo: a primeira pessoa a nos punir é nossa própria consciência, pois sabemos que somos regidos por doutrinas, leis e costumes e que não estamos prontos para abdicar desses regimentos em função de nossa liberdade. Assim, nossa finalidade muda os planos: o que antes seria alcançar felicidade, cada vez mais, torna-se em evitar o desprazer em geral. Portanto, se, anteriormente, o monsenhor tinha falado que os instintos humanos eram fortes e que, em algumas situações, difíceis de serem controlados, agora, ele dá a dica de que a culpa é a única barreira para esses instintos – é esse sentimento que nos afasta do homem animal.

---

<sup>80</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 176.

Mesmo com essa conversa, Sabino não sanou suas dúvidas, de modo que ainda questiona suas ações e se continua sendo um homem de bem. Ele precisa ir embora para voltar ao escritório, a fim de encontrar Teófilo. Ao encontrar o futuro genro, entrega-lhe um cheque de cinco milhões. O rapaz não aceita o dinheiro e diz que, se Sabino quiser dar qualquer outro presente, ele aceitará, mas dinheiro lhe causa a impressão de que ele está cobrando para se casar com a sua filha. Sabino não ficou satisfeito com a postura do futuro genro – achou arrogante e pretensioso. Devemos nos lembrar de que Sabino é um homem com ações conservadoras, e entregar o cheque ao futuro marido de sua filha significa “entregar o dote”, como era feito antigamente, por tradição. No entanto, ele disfarça bem sua insatisfação:

Sabino foi jogar fora esse cigarro.

Volta e começa:

– Quero que você saiba que eu achei o seu gesto, rasgando o cheque – e lhe fala com pureza de alma –, achei um dos mais perfeitos atos morais que...

Procura palavras:

–... atos morais – e concluiu, impulsivamente –, perfeito ato moral.

E pensava: “Ah, filho da puta!”. Estava convencido, mais do que nunca, de que só um pederasta podia ter feito aquilo. No mínimo, Teófilo sabia do cheque. Sabia e premeditara tudo. Nenhuma sinceridade. Puro teatro. Uma bicha fingindo escrúpulos!<sup>81</sup>

Um pouco depois de se despedir de Teófilo, Glorinha chega ao escritório do pai, e este está tão à flor da pele que, ao encontrar a filha no escritório, não consegue se conter:

Apertou-a no peito, como num adeus. Como se o casamento, no dia seguinte, fosse a morte da filha. Beijou-a muitas vezes, na face, na testa, na orelha (pela primeira vez, a beijava na orelha). Passou a mão pelas suas costas. E quase, sem querer, ia acariciando as nádegas. Desprende-se da filha:

– Fez o cabelo?

– Gostou?

– Uma beleza!

– Vim do cabeleireiro para cá.

Numa angústia que era uma delícia, agarrou-a pelos dois braços. E disse:

– Menininho!

---

<sup>81</sup> RODRIGUES, Nelson. *O Casamento*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 194.

Havia entre os dois uma linguagem de diminutivos, mas era a primeira vez que ele a chamava de “menininho”. Não menininha, não menina, mas menino. Com certas mulheres, o ato sexual é uma mijada.

– Não canso de te ver!

E, então, Glorinha toma distância para se mostrar. Gira sobre si mesma, numa leve, ágil, pirueta de balé. Depois volta para o pai:

– Eu pensei que o senhor já tivesse ido embora. Foi o cabineiro que me disse, “ainda não desceu, ainda não desceu”. Subi.

Sabino já não se lembrava mais de Noêmia. E tinha medo de que Glorinha o estivesse achando carinhoso demais. Ainda agora, com a filha nos braços, deslizara a mão pelas suas costas. Se chegasse até as nádegas, e se acariciasse, qual seria a reação da menina? Imaginou a menina, não como filha, mas como fêmea, fêmea nova.

Falou:

– Você é meu menininho, é?

Ergueu o rosto, petulante:

– Sou. Menininho.

Os dois achavam uma doçura cruel nessa troca de sexo.<sup>82</sup>

Para Sabino, o dia chegando ao final significava que o casamento estava próximo. Glorinha pede para o pai despachar o motorista e levá-la para dar uma voltar; meio receoso, Sabino aceita a ideia da filha e, juntos, partem para a praia.

O que seria só uma volta para relaxar do estresse do casamento se tornou numa conversa densa entre pai e filha. Glorinha é direta e diz que odeia a mãe:

Glorinha parecia louca:

– É minha mãe! Minha mãe! E porque é minha mãe eu tenho que gostar? Sou obrigada? Pois fique sabendo que eu não gosto de minha mãe.

Soluçava:

– Não posso nem ver minha mãe!

Repetiu:

– Minha filha, sabe que eu estou no espanto, Glorinha, no maior espanto. Você nunca falou assim, nunca!<sup>83</sup>

Glorinha quer arrancar uma confissão do pai. Ela queria ouvir que o pai também não gostava da esposa, e com insistência consegue:

---

<sup>82</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 202-203.

<sup>83</sup> IBID, p. 211.

– Minha filha, olha. Eu não gosto de sua mãe. Não gosto. Não é isso que você queria saber? Não amo sua mãe.

– Continua, continua.

Sabino não reconhece a própria voz:

– Tenho pena, uma certa pena. Mas não é amor.

Estava de costas para o pai. Vira-se lentamente:

– Eu disse que tinha um motivo. Um motivo para cuspir na cara de minha mãe. Agora o senhor vai saber.

– Esquece a tua mãe – pediu Sabino, desesperado.

Mas ela foi até o fim:

– O senhor sabe que mamãe sempre me deu banho. Até hoje, ou até outro dia. Dizia que eu não sabia me lavar direito. Aquela conversa. E, depois, me enxugava, passava talco no corpo todo. Passava entre as pernas dizendo: “Você transpira aí, pode ficar assada”.

Sabino balbuciou:

– Que mais?

E ela, num crescendo:

– Até que, na última vez, depois de me enxugar. Está ouvindo pai? Minha mãe me agarrou, me virou e me deu, na boca, um beijo de língua. Como se fosse um homem, papai!

Sabino recua:

– O que é que você está dizendo? O que é que você está insinuando? Não é possível! – E abria os braços para o céu – Ninguém pode dizer isso da própria mãe.

Veio, de mão levantada, para esbofeteá-la. A menina desafiou:

– Bate! Bate!

E ele não bateu. Como um louco, ficou rodando pela praia, rodando. Falava sem parar:

– É mentira! Mentira! Sou católico praticante, cristão. Eu não acredito que uma mãe seja lésbica da própria filha. Não acredito!

Berrava, andando circularmente:

– Sua mentirosa! Olha, olha!

Acabou caindo aos pés da filha:

– Nem sua mãe tem nada de lésbica. Mulher normal, normal. Vou-te dizer mais, ouve, vou-te dizer mais. Tua mãe teve um amante. Me traiu. Eu perdoei ou nem isso. Fingi que não sabia. É adúltera, mas lésbica, não. Eu sou cristão, eu sou cristão!<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 217-218.



Se não bastassem todas essas declarações bombásticas, Glorinha diz que não ama o noivo e que o homem que ela ama nunca a correspondeu. Sabino também declara que ama uma mulher proibida, “uma pessoa que devia ser sagrada para ele”. Glorinha concorda e diz que entende o sentimento. A esse ponto da conversa, com a intensidade de como as coisas foram ditas, Sabino não se aguenta e agarra a filha:

Súbito, agarra a menina.  
Dá-lhe um violento beijo na boca.  
Glorinha foge do novo beijo:  
– Não, não!  
Ele está perdido: – Glorinha! Glorinha!  
Mas ela se desprende e está de pé. Aponta para o pai:  
– Beijo de língua como o de minha mãe!<sup>85</sup>

Com a fuga de Glorinha, cabe a Sabino questionar como tudo isso foi acontecer; mesmo que a filha não possa escutar, o pai começa a dizer em alto e bom som que a culpa foi de Glorinha, com conversas dúbias e mãos sempre percorrendo o corpo do pai – ela o excitara todo esse tempo. Esse desabafo de Sabino nos faz lembrar um pouco a atitude de Décio, de *A Serpente*: mesmo que em situações diferentes, ambos não conseguem admitir a culpa que tiveram diante das situações que aconteceram; assim, culpam as mulheres com violência.

Sabino mal podia imaginar que o homem que Glorinha amava era o monsenhor. A moça era tão apaixonada que chegou a ficar nua para o padre na sacristia e pedir para que ele a desvirginasse. O padre negou o pedido.

– Veja você: eu conheço o pai, a mãe, a família toda. A garota chegou quando eu já ia sair. Chegou e disse: – “Eu preciso falar com o senhor.” Não desconfiei de nada. A menina estava calmíssima. Como já era tarde, saí um momento e fui despachar o meu secretário, aquele rapaz.

[...]

– Mando o meu secretário embora e volto. Entro e cadê a pequena? Me viro e dou com ela, que se escondera atrás da porta. Mas nua, completamente nua.

[...]

– Fiz o seguinte. Em primeiro lugar, não me espantei, isto é, não demonstrei nenhum espanto. Nem censurei. Disse, simplesmente: – “Meu anjo, põe a roupa. Eu saio, enquanto você se veste. Estou

---

<sup>85</sup> RODRIGUES, Nelson. *O Casamento*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 216-217.

esperando, aí do lado de fora”. Saí e ela ficou. Um minuto depois, apareceu, vestidinha. Ainda lhe disse, com o maior carinho: “Isso não aconteceu. Não houve nada. E Deus te abençoe”. Dei-lhe um beijo na testa e ela foi-se embora.<sup>86</sup>

Glorinha é a pura representação do desejo feminino, pois é impulsiva em suas ações. Basta tomarmos como exemplo o modo como resolveu contar ao Dr. Camarinha com quem perdeu a virgindade. Em relação a Sabino, ela sabia que era a preferida do pai, conseguindo controlá-lo para ganhar algumas vantagens sobre as irmãs; quando o pai a agarra, ela sente, pela primeira vez, que não tem mais controle sobre o pai; então, corre para a mãe, sobre a qual sabemos que tem o mesmo controle emocional:

Glorinha disse:

– Mamãe, papai quis me violentar.

Maria Eudóxia balbucia, branca:

– O que é que você está me dizendo?

Repetiu:

– Papai me levou pra uma praia deserta. Lá quis me violentar.

As duas se olham. Naquele momento, Glorinha sentiu falta de um cigarro. Eudóxia vai até o fundo do quarto. Volta, lentamente.

E, súbito, decide:

– Minha filha, olha aqui. Não quero saber de nada. Sim? Não me conta nada. Deixa sair esse casamento. Depois, a gente conversa, está bem?<sup>87</sup>

O que Eudóxia poderia fazer? Se era verdade o que a filha havia contado ao pai, que a mãe a beijara que língua, como ela poderia impor respeito numa situação dessas? Na verdade, Eudóxia dá a mesma resposta que Sabino dá a seus problemas: finge que não sabe de nada. Outro ponto a ser considerado é que Eudóxia sabe muito bem o espaço que a família possui dentro da sociedade, de modo que ela não arriscaria tomar as dores de Glorinha e arruinar toda a visibilidade social que a família tinha. *Deixe que a família apodreça!*

Paralelamente a essa situação tempestuosa da família Uchoa, Xavier, o amante de Noêmia, descobre que não é o único homem na vida da secretária. Vai atrás dela no serviço e acaba matando-a e matando a si mesmo. A polícia não entende a relação que

<sup>86</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 178.

<sup>87</sup> IBID, p. 269.

havia entre os dois, já que Noêmia nunca revelara a ninguém seu caso com o homem casado.

Na noite antes do casamento, Sabino é interrogado por suas filhas sobre a quantia que havia dado para Glorinha e Teófilo, pois elas ouviram que era o dobro do dado e seus casamentos. Num primeiro momento, o pai tenta disfarçar e dizer que isso era intriga de alguém, pois ele nunca faria uma desigualdade dessas com as próprias filhas. Porém, as moças não acreditam e partem para a chantagem, a fim de conseguirem o restante do dinheiro. O pai tenta negar, mas não consegue escapar das ameaças das filhas:

Foi cercado, novamente. Ele diz:

– Não volto atrás! Não volto atrás!

E, então, Dirce fala, baixo, mas nítido:

– Deflorador.

Silêncio. Pergunta, com a voz estrangulada:

– O que é que você disse? Repete!

Foi Marília quem respondeu:

– Deflorador.

Sabino quer se levantar, mas tomba na cadeira. Devia soltar palavrões, quebrar caras, o diabo.

Mas não se mexia, quase não respirava. Dirce continuou, docemente:

– Eu vi, papai, ninguém me contou. Eu vi. Quer que eu conte tudo?

As outras encarniçaram:

– Conta! Conta!

Dirce foi contanto (suave, suave):

– Papai, você se lembra daquela festa? Festa do meu aniversário, em Lins de Vasconcelos? Enquanto o pessoal dançava, Silene saiu para o quintal. Já não estava se sentindo bem. E lá, teve o ataque. Ninguém viu, só o senhor. Sim, da varanda, o senhor viu Silene cair. Desceu, sem dizer nada. Carregou a menina para a parte mais escura. Eu apareci na janela e vi. O senhor é que não me viu. Tudo aconteceu debaixo da janela. Deflorador, sim, deflorador. E de uma menina com ataque e durante um ataque. Silene tinha treze anos e o senhor parecia um louco.

O espanto punha nos olhos de Sabino um halo negro. Queria falar, mas o som não vinha.

– E, depois, o senhor fez a volta e veio para a sala.

Sabino pergunta (o pavor deu-lhe uma voz de falsete):

– Elas viram também?

Respondeu, cariciosa, quase compassiva:

– Elas sabem porque eu contei, eu contei, e só hoje contei.

Sabino contraiu os ombros como um corcunda.

Disse, de olhos baixos:

– Eu assino o cheque. Assino o cheque.<sup>88</sup>

Essa cena nos remete ao final de *7 Gatinhos*, quando o pai é confrontado pelas filhas; mesmo que as filhas de Sabino não o matem, elas se sentem desprivilegiadas e se juntam para colocar em xeque o poder do pai, usando o poder da informação que possuem, o estupro da prima epilética.

Glorinha interrompe a conversa de Sabino com as filhas para avisar que o monsenhor tinha vindo fazer uma visita e que o está esperando para conversar sobre os últimos detalhes da celebração de amanhã, mas a cabeça de Sabino não está focada na cerimônia. Ele quer confessar algum de seus pecados. Mas como confessar? Como falar sobre o ato incestuoso? E sobre a traição? Do ataque à menina epilética? Por onde começar?

Ao encontrar o monsenhor, este percebe que algo não está bem, tendo em vista que Sabino está pálido e com as mãos trêmulas. O religioso pergunta se aconteceu alguma coisa, se o casamento ainda está de pé. Sem obter a resposta de Sabino, o monsenhor eleva a voz:

– Sabino, quer saber a grande verdade? Quer?

Pausa e dá o berro triunfal:

– Todos nós somos leprosos! E não há exceção. Nenhuma, nenhuma. Somos leprosos.

E monsenhor continuava. Só está a salvo aquele que reconhece a sua própria lepra e a proclama. O padre vira-se para Sabino:

– O que é que está esperando homem? Hem? Por que não se decide?

– Mas decidir o quê?

Monsenhor parecia um possesso:

– Não espere mais. Assuma a sua lepra. E não a renegue, nunca! É a sua ressurreição, homem!<sup>89</sup>

Após se despedir do monsenhor, Sabino é avisado que encontraram Noêmia e um homem mortos na imobiliária. Sabino fica em choque, sem saber como os assassinatos

---

<sup>88</sup> RODRIGUES, Nelson. *O Casamento*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 257-258.

<sup>89</sup> IBID, p. 263.

aconteceram. Por causa disso e do seu sentimento de sentimento de culpa, ele não consegue dormir.

A cerimônia do casamento de Glorinha e Teófilo ocorre como o planejado. Sabino espera a bênção do padre e toma uma atitude brusca: reúne a imprensa jornalística que está cobrindo o casamento e declara-se culpado pelo assassinato de Noêmia. Já que não conseguiu assumir as suas lepras, como disse o padre, assume o assassinato de Noêmia para obter sua redenção:

Pôs a mão no peito:

– Eu sou assassino! Era minha amante. Atirei o punhal no mar. Sou assassino.

Começou, na delegacia, um alarido espantoso. Os repórteres batiam uns nos outros. Dois fotógrafos subiram numa mesa. *Os flashes* explodiram. O Comissário Rangel berrava:

– Vai chamar o Miécimo, vai chamar o Miécimo!

O Miécimo era o escrivão. Estava, no botequim defronte bebendo cerveja, com sardinhas fritas.

Alguém puxou uma cadeira para Sabino. Sentou-se.

Era feliz.<sup>90</sup>

"Era feliz" – essa é última frase do livro. Mesmo que não tenha matado Noêmia, Sabino precisava se confessar de algum modo. O contraditório é que, no senso comum, matar alguém não significa que a pessoa é de bem, mas, para Sabino, essa confissão o fez um homem de bem.<sup>91</sup>

Segundo Nelson Rodrigues:

A ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil para que não sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós. A partir do momento em que Ana Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo. No *Crime e Castigo*, Raskolnikov mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós está diminuído, aplacado. Ele matou por todos [...] Para salvar a plateia, é preciso encher o palco de assassinos, de

---

<sup>90</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 269.

<sup>91</sup> Essa última cena é uma referência a *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, pois, como Raskolnikov, Sabino tortura-se pelos erros que cometeu, e a única saída é a confissão dos crimes. No romance de Nelson Rodrigues, Sabino escolhe por confessar um crime que não é seu, seja para não expor os seus verdadeiros, seja por falta de coragem, mas o sentimento de alívio e redenção é o mesmo nos dois casos. Escolhemos não nos aprofundarmos nessa questão, mas uma leitura que é base para o início dessa discussão é *Nelson Rodrigues, leitor de Dostoiévski: a retórica do paradoxo* de Adriana Armony, disponível em: <<http://publicacoes.ufes.br/contexto/article/view/6738/4949>>.

adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los.<sup>92</sup>

No capítulo anterior, dissemos que a única peça com um final esperançoso é *Bonitinha, mas ordinária*, e *O Casamento* segue esse mesmo final, já que a cerimônia ocorre normalmente e Sabino não se mata nem morre assassinado, ao contrário, procura ser punido pelos erros que cometeu. De uma maneira torta, Nelson Rodrigues demonstra que o homem ainda possui salvação: Edgard abdicou do dinheiro para se casar com a pessoa que ele amava verdadeiramente, e Sabino encontrou na punição uma maneira de ser feliz consigo mesmo.

Todos os casamentos têm sua importância para o desenvolvimento da história, pois cada um deles tem peculiaridades que nos fazem entender melhor os personagens; eles reforçam, além disso, a ideia de que nenhum motivo é suficiente para desmanchar um casamento. Sabino e Eudóxia possuem uma longa união, mesmo que tenham acontecido traições por parte dos dois; a atitude tomada foi negligenciar os fatos e continuar como se não soubessem de nada. Outro casamento é o de Xavier, que é casado com uma mulher que foi contaminada pela lepra e, mesmo com o risco de contrair a doença, ele não se separou e cuidou da esposa sozinho. Isso não se deve ao fato de que é um homem bondoso; ele tem essa postura porque fez um juramento diante Deus: "na saúde e na doença". Mesmo quando conheceu Noêmia e se apaixonou por ela, adiantou que não poderia se separar da mulher, pois era sua obrigação cuidar da esposa enferma. O casamento de Dr. Camarinha é o menos mencionado – ele e a mulher brigavam muito por causa filho, sempre protegido pela mãe. Depois que o filho morreu, a mulher sofreu um ataque de nervos e foi internada num hospício; mesmo assim, o divórcio nunca foi uma opção. Uma vez colocadas essas considerações, podemos concluir que o casamento é um laço que os une, laço esse que não pode ser rompido. Está aí a maior defesa que Nelson Rodrigues poderia ter feito da “instituição casamento”.

Destarte, o segredo do casamento para Nelson Rodrigues é coisa séria, é um juramento feito diante Deus – e o que Deus une o homem não pode separar. O sermão do monsenhor no casamento de Glorinha dizia que os noivos deveriam aceitar as chagas um

---

<sup>92</sup> RODRIGUES, Nelson. **O remador de Ben Hur**: confissões culturais. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 15.

do outro, sabendo carregá-las por toda a vida. Além disso, afirmava: nós não devemos esquecer que o mais importante de tudo é o casamento.

## **CAPÍTULO III**

### **CUIDADO! O PATRIARCA ESTÁ À BEIRA DE UM COLAPSO**



Sanadas algumas das questões acerca do casamento que tomamos como importantes para a compreensão da obra de Nelson Rodrigues, arriscamos dizer que, atreladas ao casamento, estão outros dois pontos importantes na obra do autor. O primeiro, com relação à estrutura familiar, aqui exemplificada pela família Uchoa Maranhão, é: com quais elementos essa família dialoga? Qual a sua base? O segundo é a figura do pai que vai perdendo espaço e poder dentro do seio familiar.

Para discutirmos melhor a ideia de família, precisamos fazer o exercício de voltar à concepção de Gilberto Freyre. Para isso, usaremos Facina, que mostra as divergências de família de Gilberto Freyre e Nelson Rodrigues. Nesse sentido, voltamos à família patriarcal no Brasil Colônia, a fim de saber como funcionava o *pater família*<sup>93</sup>. Essa família foi saindo da estrutura rural e migrou para os centros urbanos, de forma que, cada vez mais, o núcleo familiar se fechava em si.

Os filhos e a mulher são espécies de bens do chefe de família e, assim como os agregados, devem se subordinar à sua autoridade. No caso das mulheres, porém, o autor faz uma ressalva: embora se sujeitassem aos maridos e fossem condenadas a um sistema de reclusão, elas exerciam um papel importante no gerenciamento das coisas da casa, que exigia capacidade de comando e iniciativa. Portanto, a situação social das mulheres em relação aos maridos não seria de inferioridade, e sim de complementaridade.<sup>94</sup>

Já Nelson Rodrigues não enxergava a família aristocrata como Freyre. Isso se deve ao lugar de origem de ambos os autores. Freyre acompanhou as famílias rurais de alto nível; o dramaturgo, por sua vez, acompanhou a família de classe média no meio urbano.

As famílias de Nelson Rodrigues representavam a tensão entre os valores portados pelo modelo patriarcal como referência simbólica importante e os anseios de individualização, especialmente das mulheres (CARNEIRO, 1987: 73). Essa desagregação de um modelo mais englobante de família também se revela na dramaturgia rodriguiana através de pequenos detalhes, como, por exemplo, o fato de que em nenhuma de suas peças os membros da família comem juntos. Aliás, as pessoas das famílias rodriguianas praticamente não fazem

---

<sup>93</sup> Na Roma Antiga, a paternidade não significava muita coisa: se o homem não quisesse assumir seu filho, não havia problema. O *pater família* consistia no direito da união de uma família que não possuía consanguinidade, de modo que todos os membros pertenciam a um chefe, que, depois de escolhidas as pessoas, tinha o dever de prover a sobrevivência de todos. No Brasil, o senhor de engenho era dito como *pater família* porque, além de cuidar da própria família, eram responsabilidade dele todas as pessoas que trabalhavam para ele.

<sup>94</sup> FACINA, Adriana. **Santos e canalhas**: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 105.

nada em conjunto, nenhuma atividade cotidiana, a não ser despejar amor e ódio em si.<sup>95</sup>

É importante ressaltar que, mesmo que Nelson Rodrigues se distancie do modelo clássico de família apresentado por Gilberto Freyre, a figura do pai ainda é central dentro do seu modelo familiar. Na maioria das peças, é o pai o responsável pelo sustento da família. São poucas as personagens que têm essa função de sustentar uma família: Ritinha, da peça *Bonitinha*, é uma dessas mulheres, que não tem marido ou namorado e tem uma família para sustentar; ela tem um emprego como professora, mas precisou se prostituir para dar conta das responsabilidades financeiras; no momento em que Edgard a pede em casamento, ela larga os dois empregos. Esse é um dado muito esmiuçado nos trabalhos referentes à obra de Nelson Rodrigues – a mulher rodriguiana não tem a independência de sair da casa dos pais ou do marido e se sustentar sozinha; ela precisa de alguém para sustenta-la. E essa característica é imutável dentro da sua obra. Se voltarmos à coluna de Myrna, no início da década de 1940, veremos que, para ele, a mulher precisa ser submissa nas relações amorosas e familiares.

A intuição ficcional levou Nelson a pintar, permanentemente, a frustração feminina, consequência da sociedade machista brasileira. Ele não fez proselitismo, não levantou a bandeira das revoluções feministas: limitou-se a fixar o fenômeno, e o espectador que tirasse as suas conclusões.<sup>96</sup>

Por que Nelson Rodrigues “não levantou as bandeiras das revoluções feministas”? É importante mencionar, nesse sentido, que, em 1968, o autor escreveu um artigo para a revista *Veja*<sup>97</sup> sobre o uso de biquínis. Para o dramaturgo, as mulheres que usavam biquíni nas praias cariocas estacam matando qualquer desejo que os homens pudessem sentir, pois o desejo masculino está no imaginário. A nudez do biquíni estraga todo esse desejo e torna a mulher que se veste assim uma pedinte por atenção.

---

<sup>95</sup> FACINA, Adriana. **Santos e canalhas**: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 109.

<sup>96</sup> MAGALDI, Sabato. **Nelson Rodrigues**: Dramaturgias e Encenações. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 25.

<sup>97</sup> A reportagem, na íntegra, está no livro *Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil* (2011) de Mary Del Priore, no qual ela discute a moda dos biquínis no Brasil e como essa moda tocou uma questão chave – a moral. Como a autora diz: “Não tratava de moda, mas da evolução da moral moderna”. E aí fica óbvio porque Nelson não entendia essa moda das praias.

A família de Nelson Rodrigues teve um forte diálogo com a religião católica. Se retornarmos ao capítulo anterior, vamos perceber que todos os casamentos que foram ou seriam realizados perpassam pelos preceitos da Igreja Católica. Mesmo que, na peça *Os 7 Gatinhos*, Noronha tenha tido uma experiência no espiritismo, a fim de descobrir o que havia de errado com sua família, o casamento de Silene seria todo feito na Igreja Católica. Afinal, esta possuía esse papel de orientar a moral tanto coletiva como individual, o que incluía possuir uma influência na formação dos jovens por meio da educação escolar. Silene, o filho de Herculano em *Toda nudez* e as filhas de Dr. Werneck de *Bonitinha* estudaram em colégios internos católicos.

A família católica em 1950 não se reduzia às funções de promoção social de seus membros; era, também, uma agência poderosa de moralização da sociedade, ainda que já penetrada pelo individualismo. Estávamos longe, muito longe, do patriarcalismo urbano. O casamento romântico, que dera os primeiros passos em meados do século XIX, havia praticamente triunfado. Homens e mulheres tinham adquirido o direito de escolher o cônjuge de sua preferência, de seguir os ditames do coração. A interferência da família existia, é claro, mas estava circunscrita ao convite, nem sempre amigável, dos pais e filhos, para que examinassem mais cuidadosamente, isto é, sem paixão, a personalidade do pretendente, especialmente seus possíveis defeitos de caráter, evitando o “mau passo”.<sup>98</sup>

Se a religião é tão presente na obra de Nelson Rodrigues e os valores morais e estéticos da vida privada perpassavam pelas doutrinas da Igreja Católica, é fundamental entendermos exatamente o momento em que a família Uchoa Maranhão está inserida:

A guinada que começaria a reverter essa situação viria na década de 60, sobretudo a partir de 1962, quando se realizou a primeira sessão do Concílio do Vaticano II. Postos em contato com as novas correntes do pensamento católico europeu e latino-americano, os bispos brasileiros dariam início a uma profunda mudança no seu discurso perante a realidade social, em seus posicionamentos políticos e em sua própria estrutura organizacional. [...] a Igreja daria início a uma verdadeira revolução, orientada por uma profunda e dilacerada revisão autocrítica de sua própria história, procurando redescobrir ou reinventar sua vocação com em uma releitura de sua atuação “do ponto de vista do povo”.

[...]

---

<sup>98</sup> CARDOSO, João Manuel; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e **sociabilidade moderna**. In: **SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 610.

E nem poderia esperar da Igreja outra coisa. Em tempos de profunda conturbação social e política foi criada a Tradição, Família e Propriedade, TFP, grupo ligado aos setores mais conservadores do catolicismo no Brasil, que seria emblemático dos estertores da reação ultramontana da Igreja católica à esquerda em que começava a engajar-se sua hierarquia.<sup>99</sup>

Só o fato de depositarem sobre o monsenhor o poder de ser o conselheiro da família, como um guia espiritual, demonstra que a família de Sabino está mais para o Movimento de Tradição, Família e Propriedade do que para a Teologia da Libertação. E essa constatação pode ser reforçada ao ter um conhecimento, superficialmente, do perfil de Sabino ou da forma como Dr. Camarinha encara o beijo de Teófilo e Zé. Outra característica é o uso de termos que fazem referência ao antigo testamento, tais como: "pederasta" (homossexual) e "onanismo" (masturbação), que não são utilizadas pela maioria das pessoas e que carregam um julgamento moral e um tom pejorativo, como se essas práticas fossem extremamente anormais.

Essa família regida por uma vertente mais conservadora da Igreja Católica enxerga, na figura do pai, um Deus encarnado, detentor das regras da casa. O pai é aquela figura que não teve contato íntimo com os filhos, mas tudo o que acontece dentro da casa passa por sua supervisão.

Se no Império Romano, o pai podia escolher a criança que cuidaria, sem se preocupar com o laço sanguíneo, é com a Igreja Católica que o pai adquire o *status* de simbólico, pois os poderes que a Igreja concede ao homem que constitui sua família segundo as leis divinas obtém um poder inquestionável sobre os membros da família. Porém para isso funcionar o homem precisa ser consciente de sua situação, ele não pode fazer dele mesmo um Deus próprio, precisa temer a Deus e fazer com que todas da família temam também.

Sem abolir a paternidade adotiva, o cristianismo impõe o primado de uma paternidade biológica à qual deve obrigatoriamente corresponder uma função simbólica. À imagem de Deus, o pai é visto como a encarnação terrestre de um poder espiritual que transcende a carne. Mas não deixa por isso de ser uma realidade corporal submetida às leis da natureza. Como consequência, a paternidade não decorre mais, como o

---

<sup>99</sup> MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 78-79.

direito romano, da vontade de um homem, mas da vontade de Deus, que criou Adão para gerar uma descendência. Só é declarado pai aquele que se submete à legitimidade sagrada do casamento, sem o qual nenhuma família se integra.<sup>100</sup>

Por ter uma ligação sanguínea com seus filhos, o pai passa a ter o dom de ser genitor da vida, os filhos pertencem a ele. Muitos teólogos medievalistas iniciaram estudos para comprovar que a mulher servia apenas “guardar” o bebê, pois é o sêmen que tem a função de “criar” uma criança. Outro argumento utilizado era que para a criança ser concebida normalmente, era preciso que o pai estivesse por cima da mulher, se o contrário acontecer, a ordem das coisas é invertida, e a criança pode nascer com problemas físicos e mentais. Aí por que essa posição foi a única recomendada pela Igreja durante anos.

De uma maneira bem geral, esse processo de descentralização da figura do pai foi desencadeado quando os outros membros começaram a questionar esse poder e a confrontá-lo. Discutimos um pouco mais o assunto no primeiro capítulo, quando analisamos a peça *Álbum de família*.

A família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recaladas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu desconcentrado, autobiográfico, individualizado, cuja grande fratura a psicanálise tentará assumir durante todo o século XX.<sup>101</sup>

E esse é o problema para Nelson Rodrigues: quando essa figura começa a rachar, ou seja, quando esse pai se perde dentro das suas próprias questões e não é mais reconhecido como soberano pelos membros da família.

### **3.1 – Sabino e Édipo: filhos culpados?**

Na maior parte do romance, acompanhamos a trajetória de Sabino, que vai da sanidade à loucura. O começo do problema está em saber, exatamente, o que levou a esse

---

<sup>100</sup> ROUDISNESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 22

<sup>101</sup> IBID, p. 21.

surto de Sabino. Portanto, para captar os motivos que o levaram a perder a cabeça, vamos recorrer a Freud e ao complexo de Édipo.

*Édipo – Rei* é uma peça escrita por Sófocles por volta de 427 a.C. A peça conta a história do rei Laio de Tebas, que era casado com Jocasta. Desde o casamento, o rei já havia sido alertado sobre a sua descendência: o seu filho estava destinado a matá-lo e se casar com a sua mãe. Dessa maneira, o casal abstém-se de qualquer atividade sexual; porém, numa noite, ambos não resistem e acabam concretizando a relação sexual. Assustados com o destino da criança, Laio ordena a um de seus servos que leve a criança para bem longe e a abandone no alto de uma montanha com os pés amarrados. Sem saber das previsões do oráculo, o servo fica com dó de cometer tal crueldade com o recém-nascido e o entrega para Polípio, rei de Corinto, cidade vizinha de Tebas. Os novos pais dão o nome à criança de Édipo.

Ao chegar na idade adulta, Édipo resolve se consultar no oráculo, e a previsão feita anos antes é repetida. Com medo de que a previsão se cumpra, Édipo vai embora de Corinto. No meio da sua caminhada para fora da cidade, Édipo é atacado por homens do rei Laio e, durante a luta, Édipo mata o rei (seu pai biológico) sem saber.

Desconhecendo sua verdadeira linhagem, Édipo segue para Tebas. Para entrar na cidade, precisa solucionar a charada da esfinge. Ao vencer a esfinge, é coroado como rei e acaba casando-se com Jocasta (sua mãe biológica).

A tragédia inicia-se quando Tebas é atingida por uma peste; assim, Édipo aconselha-se com os oráculos para saber como acabar com aquela peste. Segundo o oráculo, a peste só cessaria se fosse descoberto o assassino de Laio, expulsando-o da cidade. Ao ir atrás do assassino de Laio, Édipo descobre sua verdadeira origem e não pode negar os fatos: aquele homem que matou era o rei Laio, seu pai. Quando Jocasta fica sabendo da revelação, comete suicídio, e Édipo, para se punir, fura os olhos.

*Édipo – rei* não é uma história isolada. Sófocles escreveu mais duas histórias sobre essa família: *Édipo em Colona* e *Antígona*, que juntas mostram que a família dos Labdácidas era amaldiçoada. Para sua análise, Freud ignora toda essa linhagem amaldiçoada e se concentra no assassinato do pai e no incesto com a mãe, representação dos desejos do inconsciente.

Em Sófocles, o incesto com a mãe não é a consequência de uma rivalidade com o pai, mas uma união sacrificial que anula as leis da necessária diferença entre gerações

Isso não impede Freud de reinterpretar em favor de sua tese o famoso sonho da união sexual com a mãe e de torná-lo o sonho universal de todos os humanos. Mas, para chegar a esse resultado, ainda é preciso transformar a pior das famílias e a mais louca das dinastias heroicas em uma família normal. Pouco importa a mensagem de Sófocles: o que conta agora para Freud é a história do filho culpado de desejar a sua mãe e de querer assassinar seu pai. Uma vez que é necessário a Freud um “modelo único de família única”. Édipo será, portanto, culpado não de *ter* cometido um assassinato, mas de *ser* um sujeito culpado por desejar sua mãe. Culpado de ter um inconsciente, Édipo se torna então, na interpretação freudiana, um neurótico *fin de siècle*, culpado de seu desejo, escriturário de suas fantasias.<sup>102</sup>

Em 1924, Freud escreveu o artigo intitulado *A dissolução do complexo de Édipo*, segundo o qual o complexo se dá na fase infantil, quando a criança adquire conhecimento sobre seus órgãos genitais. De acordo com Freud, na infância, ambos os sexos querem possuir o mesmo órgão sexual: o masculino. Quando a menina nota que não possuiu o pênis, sente, instantaneamente, inveja do pênis. Durante esse período, a menina passa por uma fase acreditando que possui um pênis imaginário, como por exemplo, querer fazer xixi de pé. A próxima fase da menina é chegar à conclusão que o pênis foi tirado dela e que nunca conseguirá ter novamente.

O clitóris na menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, porém quando ela efetua uma comparação com um companheiro de brinquedos do outro sexo, percebe que ‘se saiu mal’ e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para inferioridade. Por algum tempo ainda, consola-se com a expectativa de que mais tarde, quando ficar mais velha, adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino. Aqui, o complexo de masculinidade [[1]] das mulheres se ramifica. Uma criança do sexo feminino, contudo, não entende sua falta de pênis como sendo um caráter sexual; explica-a presumindo que, em alguma época anterior, possuía um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração. Ela parece não estender essa inferência de si própria para outras mulheres adultas, e sim, inteiramente segundo as linhas da fase fálica, encará-las como possuindo grandes e completos órgãos genitais – isto é, masculinos. Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência.<sup>103</sup>

<sup>102</sup> ROUDISNESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 62.

<sup>103</sup> FREUD, Sigmund. *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 19. p. 318.

No menino, ocorre o contrário: ele possui o pênis e tem medo que o tirem:

Quando o interesse da criança (do sexo masculino) se volta para os seus órgãos genitais, ela revela o fato manipulando-os freqüentemente, e então descobre que os adultos não aprovam esse comportamento. Mais ou menos diretamente, mais ou menos brutalmente, pronunciam uma ameaça de que essa parte dele, que tão altamente valoriza, lhe será tirada. Geralmente, é de mulheres que emana a ameaça; com muita freqüência, elas buscam reforçar sua autoridade por uma referência ao pai ou ao médico, os quais, como dizem, levarão a cabo a punição. Em certo número de casos, as mulheres, elas próprias, mitigam a ameaça de maneira simbólica, dizendo à criança que não é o seu órgão genital, que na realidade desempenha um papel passivo, que deve ser removido, mas sim sua mão, que é o culpado ativo. Acontece com especial freqüência que o menininho seja ameaçado com a castração, não porque brinca com o pênis com a mão, mas porque molha o leito todas as noites e não pode ser levado a ser limpo. Os encarregados dele se comportam como se essa incontinência noturna fosse resultado e prova de ele estar indevidamente interessado em seu pênis, e provavelmente têm razão. De qualquer modo, a enurese na cama, de longa duração, deve ser igualada à poluição dos adultos, e é uma expressão da mesma excitação dos órgãos genitais que impeliu a criança a masturbar-se nesse período.<sup>104</sup>

O complexo de Édipo não se resolve no âmbito consciente; em ambos os casos, resolve-se quando se torna inconsciente; este sim resolve o “problema” ou não, dependendo das experiências que essa criança tiver. Nesse artigo, Freud declara que o complexo é mais simples de ser resolvido pelo sexo feminino, pois a menina consegue fazer a associação entre pênis e bebê; assim, a menina encontra no desejo de ganhar um bebê do pai (ou de lhe dar um filho) uma resolução do seu problema; ao longo da vida, esse desejo pode ser realizado com a maternidade. Já com os meninos, dependendo do modo como esse complexo foi guardado pelo inconsciente, ao assumir a paternidade, o homem pode se sentir ameaçado pela criança, visto que ele se lembra de quais eram seus sentimentos por seu pai. A dissolução do “não” significa que a figura do pai não influencia mais o inconsciente do filho, pois é a partir dessa influência que se forma o *supereu*.<sup>105</sup>

Mas como esse complexo pensado por Freud se conecta a Sabino? Este nem tem filhos homens. Como pode se sentir ameaçado? O complexo de Édipo consegue nos esclarecer alguns pontos importantes sobre a personalidade de Sabino. Afinal quando

---

<sup>104</sup> FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924) In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 19. p. 319.

<sup>105</sup> Instância crítica responsável pela formação do sentimento de culpa.



criança, depois que os pais passaram a dormir em quartos separados, Sabino passou a dormir com a mãe todas as noites; é como se o filho tivesse assumido o lugar do pai. Mas como assumir o lugar do pai se está ainda está vivo? Quando o pai veio a falecer, foi o único momento em que Sabino declara que o amou: “só o amei nas fezes”.

Para Sabino, a frase “seja *homem de bem*” tem o peso do legado do seu pai. Ao ouvir, então, que “*todo canalha é magro*”, ele começa a se dar conta de que não é parecido com a lembrança do pai. A imagem que Sabino tem do pai é aquela do “Deus-Pai”, aquele homem que ele nunca conheceu muito bem, mas que exalava seriedade. Dessa maneira, Sabino não precisou ter nenhum filho para se sentir ameaçado; a frase foi o legado que ele não conseguiu suportar e que, por isso, se sente ameaçado em ser descoberto como uma fraude do homem de bem.

Sabino estava dizendo:

– Quando eu fiz anos, no mês passado, o pessoal da Imobiliária me deu um presente. Então, o Dr. Barone, chefe do nosso Departamento Jurídico, fez um discurso. Bonito, discurso muito bonito. Entre outras coisas, disse que eu era um homem de bem. Homem de bem.

Estaca. Monsenhor o instiga:

– Ande, ande! Não pare!

Caminhou:

– Desde de menino, que eu ouço falar em homem de bem. Monsenhor eu queria sua opinião.

Perguntou, desesperado:

– Sou ou não sou um homem de bem?

Monsenhor senta-se:

– Vou fumar outro cigarro. Me dá um.

Sabino dá-lhe o cigarro e o acende. O padre fala:

– Mas não para, Sabino, não para. E nem precisa olhar para mim. Fala sem olhar para mim e sem se preocupar comigo.

– Imagine que, durante quase toda a minha vida, eu tive na minha frente um homem de bem. Nem sorria, como se o sorriso fosse um luxo, uma sensualidade. Eu era garoto quando ouvi uma conversa da minha mãe com minhas tias. E fiquei sabendo que ela só teve relações com papai até que ficou grávida de mim. Mas compreendeu? Essa foi a primeira e a última gravidez de minha mãe. Depois disso, nunca mais foi mulher para meu pai.<sup>106</sup>

---

<sup>106</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 178.

Sabino está obsessivo com essa questão. Ao longo romance, pergunta para alguns personagens se é ou não um homem. Isso só reforça como ele se sente ameaçado pelo legado do pai. No capítulo anterior, mostramos a passagem em que Sabino confessa ao monsenhor que está com essa sensação de culpa; esse sentimento é fundamental para fecharmos essa análise, pois é o tormento da culpa que o empurra para tomar a atitude de se confessar publicamente. A comparação aqui é óbvia: Sabino tem o mesmo fim de Édipo, a autopunição. Mesmo que com proporções diferentes, ambos são tomados pela mesma necessidade de se punir para a redenção de seus erros cometidos.

Mas não podemos deixar de considerar que a necessidade de punição que Sabino procura está ligada à religião católica. Já dissemos anteriormente que a relação de Sabino com o monsenhor tem um tom confessional. Isso nos convence facilmente de que o monsenhor é a consciência cristã de Sabino, pois é a ele que Sabino recorre quando tudo parece desandar à sua volta. A continuação do diálogo posto nos ajuda a compreender melhor o complexo de Édipo de Sabino:

Nova pausa. Ia acabar chorando. Perguntou:

– Eu queria que o senhor me dissesse: o que é isso?

Monsenhor traga e devolve a fumaça. A voluptuosidade do cigarro dá-lhe uma certa tensão dionisíaca. Teria preferido que, até à última tragada, Sabino não falasse, ninguém falasse. Para o homem que fuma pouco, o cigarro devia ser um prazer solitário.

De repente, Sabino faz a pergunta à queima roupa:

– Devo dizer tudo? – E repetia, fora de si: – Deve-se dizer tudo?

[...]

Sabino teve medo. “Tudo”, menos as fezes do pai. Não diria que, desde manhã, só pensava na morte do pai. No casamento da filha e na morte do pai. Sentia, por toda a cidade, o cheiro de sangue e urina que há em toda agonia.

Monsenhor dizia:

– O que não se diz apodrece em nós. Entende ou não? Fala.

– Entendo.

– Pois então diga tudo. Mas andando.

[...]

– Monsenhor, quando meu pai e minha mãe passaram a dormir em quartos separados, eu tinha cinco anos, seis no máximo. De noite, eu saía da minha cama e ia me deitar na cama da minha mãe. Uma vez acordo e ouço a minha mãe chorando. Não me mexi. O choro ia ficando mais forte. E eu fingindo que dormia.

Arqueja:

– Compreendeu, monsenhor?

O outro dá um murro na mesa:

– Não interessa se compreendi, ou não compreendi. Você tem que dizer tudo, precisa dizer tudo. Vamos lá. Você acordou e sua mãe estava chorando. E que mais? <sup>107</sup>

Ergue a fronte. Disse, baixo, mais nítido:

– Ela não chorava. Só depois, eu compreendi que ela não chorava. Estava-se onanizando.

Range os dentes:

– Era onanismo, onanismo!

Nelson Rodrigues podia usar a palavra "masturbação", mas "onanismo" é uma palavra cuja origem está na Bíblia. No antigo testamento, quando Onan, o filho de Judá, que teve relações com a viúva do irmão, para que esta não engravidasse, ao sentir que ia gozar, tira o órgão genital da mulher para não ejacular dentro dela. Onan morre, como castigo de Deus. Um dos motivos para usar essa palavra é a carga negativa e pecaminosa que ela causa, e, também, porque Sabino tem vertigem só de lembrar da cena. Depois de vomitar, Sabino sente-se mais confortável consigo mesmo, mas, depois, com o incidente da praia com Glorinha e as outras filhas, fica tentado a se convencer de que a frase estava certa: ele, magro, era canalha – era da sua índole, havia sujado o legado do pai. Na última conversa com o monsenhor, este dá a resposta que tanto o outro precisava ouvir para se libertar do sofrimento:

E, súbito, ergue a voz:

– Sabino, quer saber da grande verdade? Quer?

Pausa e dá o berro triunfal:

– Todos nós somos leprosos! E não há exceção. Nenhuma, nenhuma. Somos leprosos.

E monsenhor continuava. Só está a salvo aquele que reconhece a própria lepra e a proclama. O padre vira-se para Sabino:

– O que é que está esperando homem? Hem? Por que não se decide?

– Mas decidir o quê?

Não espere mais. Assuma a sua lepra. E não a renegue, nunca! É a sua ressurreição, homem!<sup>108</sup>

<sup>107</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 178.

<sup>108</sup> IBID, p. 263.

Portanto, utilizamos o complexo de Édipo não para mostrar que Sabino, em algum momento, desejou sua mãe ou possuía aversão à figura do pai, mas, sim, para compreender melhor o porquê da sua consciência perturbada. Compreendido isso, notamos que as suas ações ao longo do romance não são tão absurdas assim: ele tem um motivo para agir como agiu e, mais uma vez, provamos que o diálogo com Freud só enriquece a obra de Nelson Rodrigues.

### **3.2 – O patriarca rodriguiano**

As peças citadas no primeiro capítulo podem ser utilizadas aqui para mostrar que esse tema da falência da figura do pai também perpassa toda a obra rodriguiana. A primeira peça que nos vem à cabeça é *Os 7 Gatinhos*. Noronha é a figura tosca do pai, que não sustentava a família e não possuía autoridade nenhuma dentro da casa; ele só tinha um pouco de respeito porque foi dele a ideia de manter Silene virgem para o casamento. Quando o plano vai por água abaixo, ele tenta tirar proveito da prostituição das filhas, mas, a partir do momento que as filhas e a esposa se sentem coagidas pelas decisões errôneas do pai, elas não pensam duas vezes e o matam.

Em *Álbum de Família*, algo semelhante acontece. Apesar de Jonas cumprir a função paterna de sustentar a família, seus filhos têm aversão a ele. Depois de vários acontecimentos desastrosos, a esposa mata o marido. Um dado relevante é que, em ambas as peças, o conflito entre pai e filhos é importante para mostrar como os filhos conseguem se unir para encurralar e derrotar o pai. Esse choque entre pai e filhos é o primeiro passo para a desmoralização do poder do pai; afinal, se os filhos não respeitam mais sua autoridade, eles começam a enxergar o pai como um igual.

A família não apenas é assim definida como sendo o filtro de uma força essencial à civilização, como, de acordo com a tese do assassinato do pai e da reconciliação dos filhos com a figura dele, é julgada necessária a toda forma de rebelião subjetiva: dos filhos contra os pais, dos cidadãos contra o Estado, dos indivíduos contra a massificação.<sup>109</sup>

No romance *O Casamento*, Dr. Camarinha também vive essa situação conflituosa com o filho, Antônio Carlos. As brigas acontecem porque cada um tem uma visão muito

---

<sup>109</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 91.

destoante do que é importante para a vida. Dr. Camarinha acredita que o trabalho dignifica o homem e que, por isso, todo homem deve ter um trabalho estável. Já Antônio Carlos tem outra prioridade na vida: ele não entende o motivo de se sacrificar em um emprego de que não gosta e que o impeça de curtir a vida social.

O filho saíra de mais um emprego.

O pai perguntou:

– Te despediram?

– Me despedi.

Ainda contido, quis saber:

– Por quê?

Quebrando um pauzinho de fósforo entre os dedos, disse:

– Chato, muito chato.

Houve a pausa. Não parava em emprego nenhum. Tinha obsessão dos empregados chatos.

Camarinha roda na sala e estaca:

– Quer dizer então que você acha chato trabalhar?

Perdeu a paciência (não sabia que o filho ia morrer no dia seguinte):

– É chato?

Agarrou-o pela gola:

– Pensa que eu vou te sustentar? Não te dou um tostão! Morre de fome!

Empurrou o rapaz. O filho, então, disse aquilo:

– Tenho quem me dê! <sup>110</sup>

O fato de ter esnobado as críticas do pai ao seu comportamento e dar a entender que não precisa do dinheiro dele para viver mostra que Dr. Camarinha não tem controle nenhum sobre o filho. Quando recebe a notícia de que o filho morreu em um acidente carro, em que praticamente se matou, porque bateu sozinho em um poste a toda a velocidade, Dr. Camarinha reconhece sua falha como figura paterna. Na loucura, ele resolve avisar todos os seus conhecidos que a culpa da morte do filho era de sua responsabilidade.

Do outro lado, atenderam. Dr. Camarinha começa:

– Setembrino? Sou eu, Camarinha. Meu filho acaba de falecer.

Não tirava os olhos de Eudóxia e Glorinha e não as via. Continuou:

---

<sup>110</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 45.

– Meu filho Antônio Carlos, faleceu. Hoje. Não precisa dar os pêsames. Quem sente sou eu e só eu... Você não sente nada, ninguém sente nada. Não, não, Setembrino. Basta o meu sentimento. Escuta.

Toma respiração:

– Desde que meu filho morreu, estou telefonando até para desconhecido. Não fala, Setembrino. Quem fala sou eu. Estou telefonando pra dizer, a todo mundo, que eu sou um bom filho da puta. Quê? Não é você. Escuta. O filho da puta sou eu e não você. Você não é nada. Escuta o resto. Ontem, eu dei na cara do meu filho. Na véspera de morrer, meu filho apanhou na cara. Era um homem, um macho. E apanhou de mim, sem reagir. Entende? Por um falso respeito filial, meu filho não quebrou a minha cara. Se ele me dá um tapa, um bofetão, eu era homem morto. Morto, não digo. Mas ficava com a cara partida. E meu filho morreu. Morreu, Setembrino.

Glorinha ouvia, fascinada. O médico enche a voz:

– Quer me fazer um favor? Diz a todo mundo, diz, que eu sou um filho da puta da pior espécie.

O funcionário do *Jornal dos Sports* vem bater-lhe nas costas:

– Cavalheiro, cavalheiro.

O Dr. Camarinha despedia-se do Setembrino. O rapaz diz:

– O senhor está dizendo palavrões! Tem senhoras!

O médico desliga. Vira-se para o funcionário. Responde, imperturbável:

– Rapaz, você está falando com um filho da puta. Com licença.

Vira-lhe as costas e apanha o telefone. O outro insiste:

– O senhor não pode dizer palavrões aqui dentro.

Camarinha larga o telefone:

– Você é pai? Tem filhos?

O funcionário põe os óculos no bolso de cima:

– Não se trata disso.

– Rapaz, estão fazendo autópsia no meu filho.<sup>111</sup>

Essa cena de Dr. Camarinha chega a ser tocante, pois notamos o sofrimento desse homem que acaba de perder o filho e que se sente culpado por não ter sido um pai para o

---

<sup>111</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966. p. 169.

rapaz, ou seja, de não ter estabelecido nenhum laço com o filho. Dr. Camarinha nunca foi pai – foi uma figura embaçada de provedor do lar, e agora ele sabia disso e reconhecia. Dr. Camarinha assumiu sua lepra.

Sabino também passa por esse conflito com as filhas. Na cena em que as três filhas mais velhas o chantageiam para ganhar dinheiro, ele dá uma "balançada", temendo o poder das filhas, enquanto elas apontam o dedo e o mandam calar a boca e ouvi-las:

As três avançaram. Sabino recuou como um agredido. E houve um momento em que fugiu, fisicamente, e se colocou atrás da secretária grande:

Dizia, fora de si:

– Não se atrevam a me encostar a mão!

Dirce adiantou-se. Pôs as duas mãos na mesa. Sabino arquejava:

– O que vocês querem?<sup>112</sup>

Sabino cede à chantagem das filhas e, ao terminar de preencher os cheques, tem a vontade de enfrentá-las, fazendo-as prometer que aquele assunto não será contado a ninguém; porém, as mulheres nem dão oportunidade para conversa, uma vez que logo saem avisando que o pai fique esperto e não trate mais Glorinha como filha única. A troca de posição é evidente: são filhos que ditam as regras de convívio dentro da casa. O pai pode ainda ter a imagem, das pessoas de fora, de que ele ainda é regente da casa; porém, quando as portas se fecham, seu poder está dilacerado. E não são só as três filhas que o chantageiam; Glorinha também faz isso, mas usando seu charme. Sabino é fisgado sem pestanejar. Em vários momentos do romance, quando está com o pai, Glorinha controla as situações.

Como vimos anteriormente, o esfacelamento do poder do pai está na revolta dos filhos contra o pai e na trama rodriguiana, o ápice desse conflito entre pai e filho é a vingança de Zé Honório com o pai. Como já dissemos no capítulo anterior, o pai de Zé reprimiu-o a vida toda, usando, muitas vezes, a força física, por causa da sexualidade do rapaz. Ao sofrer um derrame e ficar imobilizado na cama, Zé conspira todo um plano para jogar na cara do pai que nenhuma das surras que levou ou qualquer outra tentativa que o tenha feito na sua infância e adolescência não deu certo. Zé nunca se sentiu homem: sempre quis ser mulher e, agora que o pai não possuía nenhuma autoridade, ele podia escancorar sua homossexualidade:

---

<sup>112</sup> IBID, p. 254.

Antônio Carlos, Glorinha e Maria Inês se juntam num canto. Zé Honório, magro e de sunga, faz, lentamente, a volta da cama (A agonia tem cheiro de excremento).

O velho fecha os olhos. Tem cílios de piaçava como os defuntos.

O filho põe as duas mãos na beira da cama.

Diz, com a voz estrangulada:

– Abre os olhos, homem.

Nada. Glorinha pensa no pai que ele nunca vira de pijama nem sem meias. Não conhecia os pés do pai. Sabino dormia de meias, como se achasse indignos os próprios pés.

O velho continuava de olhos fechados.

Aquilo exasperava o filho:

– Velho, você não está dormindo. Não está dormindo, nem morreu. Eu sei que tu vê e ouve. Então escuta. Escuta o que eu vou te dizer. Esperei quinze anos por esse momento. Está ouvindo, velho?

Deita-se na cama, ao lado do doente. Fala ao seu ouvido:

– Aqui tem duas meninas. Eu nunca, nunca, quis ser homem. Durante toda a minha vida, eu quis ter chochota como as meninas, como todas as meninas. Escuta o resto.

Pausa e continua ofegando:

– Agora, eu vou fazer, na tua frente. Vou fazer na tua frente, com o chofer de ônibus, o que eu fiz com aquele menino. Vou fazer aqui dentro. Tu vendo, vendo e ouvindo.<sup>113</sup>

No fundo, o grande problema para Nelson Rodrigues está aqui, quando o homem, aquele que sempre foi destinado a ser o senhor da razão, o detentor do poder de frear todos os instintos selvagens ligados ao desejo, está aqui na nossa frente, dilacerado.

E, em cada peça, Nelson tem uma maneira diferente de chamar nossa atenção para o problema. É o Olegário, que se perde no ciúme pela esposa e não consegue mais dar estabilidade para o casamento. É Herculano, que se perde no desejo carnal e acaba perdendo o filho e a segunda esposa porque não soube delimitar o certo e o errado dentro da família. É o Peixoto, quando alerta que a família está apodrecendo e que ninguém é capaz de salvar a si nem ao outro. É Sabino, complexado com a figura do pai morto, que acaba não exercendo o papel de pai dentro da família. E, por fim, é Dr. Camarinha, o único que reconhece o fracasso da sua paternidade e, por isso, pode apontar para cada um desses personagens e xingá-los de "filho da puta".

---

<sup>113</sup> RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Editora, 1966, p. 130.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente dissertação, intitulada *Homem, chefe de família, dilacerado em O Casamento, de Nelson Rodrigues* constituiu-se como uma tentativa de abordar o dilaceramento da figura masculina dentro do romance *O Casamento*, levando em conta as discussões sobre o próprio tema do casamento na obra de Nelson.

Em princípio, muitas concepções que possuíamos foram sendo transformadas no decorrer da pesquisa. Isso porque a pesquisa foi moldando seu próprio caminho. No início, lá no projeto e durante mais da metade do curso de Mestrado, a pesquisa tinha “apenas” o intuito de analisar o romance *O Casamento* e seus desdobramentos, isto é, como Nelson Rodrigues trabalha a instituição casamento dentro dessa obra, para, depois, a confortarmos com a adaptação cinematográfica de Arnaldo Jabor feita em 1975.

Essa temática, o casamento, é muito complexa; logo, foram precisos vários livros só para entendermos como ela nasce na história da Igreja Católica e como esta o encaixa em suas doutrinas. Só com essas leituras, um leque de perguntas foram sendo elaboradas. Como Nelson dialoga com a Igreja Católica? Como ele utiliza as doutrinas do casamento cristão na sua obra? Essas e outras perguntas só aumentavam os livros com essa temática. Com a primeira estrutura da dissertação, já se fazia necessário um capítulo só para discutir o casamento e, por isso, adotamos algumas peças que ajudavam a exemplificar nossa análise. Desse modo, as discussões contidas no primeiro capítulo e seus desdobramentos deram à pesquisa um novo fôlego. Ao mesmo tempo, foi-se tornando necessário o diálogo com as obras de Freud. Isso tornou o primeiro capítulo muito denso.

Quando chegamos ao segundo capítulo, em que analisaríamos o livro a partir das discussões do primeiro capítulo, foram-se ganhando outras discussões, permitindo-nos encerrar o tema do casamento de uma maneira "bem redonda" e proveitosa para abrir outras discussões para o desenvolvimento do trabalho.

Em virtude desses caminhos adquiridos pela pesquisa, o último capítulo formou-se, praticamente, sozinho. O filme foi colocado de lado, e o objetivo passou a ser a discussão da falência da figura paterna dentro do romance *O Casamento*, tarefa que não foi fácil, pois carrega os mesmos problemas que enfrentamos no primeiro capítulo: várias leituras de base para entender em que terreno estávamos andando. Como era de se esperar, não foi possível ler tudo sobre o tema; muita coisa não pôde ser aprofundada tanto pelo fator tempo quanto pela falta de maturidade de conseguir entender algumas questões. Mesmo que esse tema já tenha sido citado em alguns trabalhos sobre Nelson Rodrigues,

não havia nada mais esmiuçado; por isso, mesmo que não seja novo dentro dos estudos sobre o autor, é um tema bem frágil e que ainda não tem muitos interlocutores. Outro desafio era aprofundar as discussões com Freud, em que o diálogo com o complexo de Édipo se fez necessário para analisar melhor o perfil de Sabino.

Concordamos que o último capítulo poderia ter sido mais bem aprofundado; porém, receamos acabar dialogando com a psicologia e perder o cunho histórico do trabalho. Diante de erros e acertos, tanto o processo de leitura como o de escrita possibilitaram um amadurecimento diante da pesquisa muito significativo.

Não tivemos a intenção de encerrar a discussão, mas, sim, de participar e, quem sabe, contribuir com um debate que já havia se iniciando e não muito desenvolvido ainda dentro da obra de Nelson Rodrigues. O tema é tão rico, interessante e versátil que poderíamos passar mais dois anos lendo e escrevendo sobre ele que as questões não terminariam.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE, Maria. Freud x Nelson Rodrigues. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br>>, 2001 Acesso em 9 janeiro 2016.

BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BORGES, A. A. P. (2006). **O desejo de ser pai**: algumas vicissitudes da função paterna. (Dissertação de Mestrado. Puc-Minas, Belo Horizonte. MG). Disponível em: <[http://www.sistemas.pucminas.br/BOP/SilverStream/Pages/pg\\_BDPPPrincpal.html](http://www.sistemas.pucminas.br/BOP/SilverStream/Pages/pg_BDPPPrincpal.html)>. Acesso em: 7 jan. 2016.

CARDOSO, João Manuel; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**: A Vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

DEMPSEY, Peter J. R. **Freud, psicanálise e catolicismo**. São Paulo: Paulinas, 1966.

DOR, Jöel. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

DUMOND, Eugênio. O jogo irônico no romance *O Casamento*, de Nelson Rodrigues. **Revista do CESP**, São Paulo, v. 24, n. 33, 2004.

FACINA, Adriana. **Santos e Canalhas** – Uma Análise Antropológica da Obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

\_\_\_\_\_. O consultório sentimental de Myrna: uma análise de Nelson Rodrigues escrevendo no feminino. In: **X Encontro Regional de História** – ANPUH-RJ História e Biografias – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu**: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre um caso de neurose obsessiva**: (o homem dos ratos). Rio de Janeiro: Imago, 1998.

\_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 19.

\_\_\_\_\_. Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In: FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. 22.

GUINSBURG, J. Nelson Rodrigues, um folhetim de melodramas. **Revista de Literatura Brasileira**, Florianópolis, n. 28, 1994.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. Disponível em: <<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf>>. 2002. Acesso em 7 dez 2016.

\_\_\_\_\_. Lugares do feminino e do masculino na família. In: MOURA, Marisa Decat. **A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LINS, Ronaldo Lima. **O teatro de Nelson Rodrigues: uma realidade em agonia**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

MAGALDI, S. **Nelson Rodrigues: Dramaturgia e encenações**. Perspectiva: São Paulo, 1987.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o Procedimento Histórico. In: SILVA, Marcos. (Org.). **Repensando a História**. São Paulo: Marco Zero, 1984.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PATRIOTA, Rosângela. Nelson Rodrigues: A Unanimidade dos Críticos. **ArtCultura-Revista**. Universidade Federal de Uberlândia. Nº 1, vol. 1, 1999.

RODRIGUES, Nelson. **O Casamento**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1966.

\_\_\_\_\_. **Nelson Rodrigues por ele mesmo**. Organização de Sonia Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

\_\_\_\_\_. **Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo: O Consultório sentimental de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Teatro Completo de Nelson Rodrigues: peças psicológicas**. Organização e introdução Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Teatro Completo de Nelson Rodrigues: Tragédias Cariocas II**. Organização e introdução Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. v. 4.

\_\_\_\_\_. **Otto de Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

\_\_\_\_\_. **A vida como ela é...** Rio de Janeiro: Agir, 2006.

\_\_\_\_\_. Teatro Desagradável. **Dionysos**, Rio de Janeiro, MEC/SNT, out, 1949.

\_\_\_\_\_. **O Reacionário**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ROSSIAUD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROUDISNESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALOMÃO, Irã. **Nelson, feminino e masculino**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

VITORELLO, Daniel Migliani. **Mantenha Distância** – O imaginário obsessivo de Nelson Rodrigues. São Paulo: Annablume, 2009.